

Combate à precariedade

PROJETO RONDON/MINISTÉRIO DA DEFESA



Com um espectro de atuação mais voltado à capacitação do que ao assistencialismo, ainda hoje as ações do Projeto Rondon tentam amenizar as carências das regiões mais vulneráveis do país

Atendimento A polêmica em torno do Programa Mais Médicos reacendeu o debate sobre as políticas públicas para o setor da saúde. Apesar das críticas da classe médica, são inegáveis as grandes carências do Brasil nesse setor,

especialmente em saneamento e infraestrutura nas regiões Norte e Nordeste. Para refletir sobre a questão, o JU foi buscar depoimentos daqueles que participaram de uma das maiores ações emergenciais já promovidas pelo governo brasileiro:

o Projeto Rondon. Criado durante a ditadura militar, o programa é atualmente realizado pelo Ministério da Defesa, tendo como foco o diagnóstico dos problemas regionais. *CadernoJU*

FLÁVIO DUTRA/JU



FEIRA DO LIVRO

A presença da Universidade na Praça da Alfândega, um balanço da atuação das editoras gaúchas e uma entrevista com o patrono Luís Augusto Fischer

P3, P5 e P15

JOSÉ MANUEL RAMOS-HORTA

Os entraves para a estabilização política da Guiné-Bissau

P9

EJA NA UFRGS

Retorno à sala de aula

Um grupo de 21 servidores da Universidade faz parte da turma de Ensino de Jovens e Adultos oferecida pelo Colégio de Aplicação. Dispostos a vencer o desafio da retomada dos estudos depois de longos anos longe dos bancos escolares, os depoimentos desses profissionais reforçam o valor da educação para o crescimento pessoal e para o acesso a novas oportunidades no mundo do trabalho. Privados da possibilidade de estudar na infância, esses alunos-servidores revelam suas estratégias para driblar as dificuldades em áreas como a matemática e o aprendizado de um novo idioma. P7

DIREITO

Centro estuda endividamento

O trabalho do Centro Interdisciplinar sobre Direito, Cidadania e Educação do Consumidor é referência nacional no tema do endividamento dos brasileiros. Segundo a professora Cláudia Lima Marques, coordenadora do órgão e integrante da Comissão de Juristas do Senado Federal responsável pela atualização do Código de Defesa do Consumidor, a ideia "é prevenir o superendividamento da pessoa física, promover o acesso ao crédito responsável e a educação financeira do consumidor, de forma a evitar a sua exclusão social e o comprometimento de seu mínimo existencial". P11

Ciência

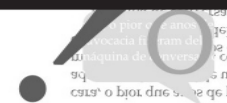
O legado do naturalista Alfred Russel Wallace P4

Música

Os novos grupos da cena musical porto-alegrense P13

Política

Uma análise das motivações da crise no Itamaraty P10



Espaço da Reitoria

Carlos Alexandre Netto
Reitor

UFRGS comemora 80 anos de fundação

O próximo ano, na UFRGS, será marcado por atividades comemorativas das oito décadas de sua fundação. Sua história institucional pode ser contada em ciclos, períodos característicos de evolução definidos por políticas institucionais, ambiente acadêmico e renovação das pessoas. Hoje, vivemos uma fase de reafirmação e avanço de qualidade, da Universidade de Excelência e da Universidade de Classe Mundial. Modelo de articulação entre ensino, pesquisa, inovação e extensão, e de reinvenção do fazer acadêmico e do papel da universidade na sociedade.

O início das celebrações acontecerá no próximo dia 27, com o lançamento do livro *Professores Eméritos – Memórias e História*, que reúne depoimentos de homens e mulheres que têm em comum a dedicação ao trabalho e o amor à

Universidade. Produzida pela Secretaria de Comunicação Social, a publicação destaca as experiências de professores que vivenciaram os principais fatos políticos, econômicos e sociais pelos quais o Brasil passou nos últimos 50 anos. Mais do que lembrar sua produção acadêmica, esses depoimentos reforçam a memória afetiva de pessoas especiais que sentiram e entenderam essas mudanças. Ao mesmo tempo, o livro colabora para que a memória institucional sejam agregadas as lições de vida daqueles que contribuíram para o crescimento da UFRGS. Para além das avaliações nacionais e internacionais, uma instituição é feita, antes de tudo, do legado pessoal e profissional de quem a ela dedicou os melhores anos de suas vidas.

Serão muitos os eventos alusivos aos 80 anos da UFRGS e tentaremos envolver todos e cada um de seus integrantes,

alunos, professores e técnicos a fim de que tenham a certeza do quanto são importantes na construção desta grande instituição. Estamos nos preparando para exaltar a nossa história, trazendo na bagagem unidades centenárias que serviram de embrião para este presente que tanto nos orgulha e para um futuro que, certamente, virá cheio de desafios e conquistas. Queremos partilhar a alegria de comemorar oito décadas de atividades, sempre voltadas ao desenvolvimento do estado e do país, com todos os que escolheram dividir conosco o sonho de construir um mundo melhor.

Excelência acadêmica e institucional a serviço da sociedade será o fio condutor das atividades festivas que se iniciam neste mês. Desde já, convidamos aqueles que fazem parte desta grande comunidade para participar.

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110 - Bairro Farroupilha,
Porto Alegre - RS | CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000 | www.ufrgs.br

Reitor
Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor
Rui Vicente Oppermann
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretário de Comunicação Social
Ricardo Schneiders da Silva

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação mensal da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fones: (51) 3308-3368 / 3308-3497
Email: jornal@ufrgs.br

Conselho Editorial
Ánia Chala, Cassiano Kuchembecker Rosing, Cida Golin, Luiz Carlos Pinto, Michéle Oberson, Ricardo Schneiders da Silva, Rosa Maria Bueno Fischer, Temístocles Américo Corrêa Cezar

Editora Ánia Chala
Subeditora Jacira Cabral da Silveira
Repórteres Ánia Chala, Everton Cardoso, Jacira Cabral da Silveira e Samantha Klein
Projeto gráfico Juliano Bruni Pereira e Kleiton Semensatto da Costa (Caderno JU)
Diagramação Kleiton Semensatto da Costa
Fotografia Flávio Dutra (editor) e Ramon Moser
Revisão Antônio Falcetta
Bolistas Bárbara Gallo, Júlia Corrêa e Rafaela Pechansky (Jornalismo); Lucas Moreira Borges (Relações Públicas)
Circulação Vanessa Gastal Fernandes
Fotolitos e Impressão Gráfica da UFRGS
Tiragem 14 mil exemplares

/jornaluniversidade

Mural do leitor

Mineração de areia

Parabenizo a equipe pelas excelentes matérias da edição de outubro. Destaco duas, afetas ao meu viver: *De quais "mais médicos" precisamos* e *Extração de areia pode acabar*. Sobre a segunda, considero que a abordagem feita exclusivamente sobre as consequências da mineração no lago Guaíba na construção civil minimiza um problema de saúde pública muito mais sério que a questão econômica. Acompanhei um trabalho realizado em 2004 pela Fepam, intitulado «Zoneamento Ambiental para a Mineração de Areia no Lago Guaíba», que se fundamentou em tese de doutorado realizada no Instituto de Geociências por Luciano Laybauer, o qual demonstra que o grande problema é que a dragagem da areia revolve o fundo do lago, que é um depositário de metais pesados. Anos de lançamento de detritos nos rios que formam o lago geraram pela dinâmica das águas um lastro mineral. Creio que escrever uma matéria com esta abordagem teria um grande apelo social, complementado o trabalho ora publicado.

• *Maria Luiza A. Von Holleben, professora e pesquisadora da UFRGS*

Artigo

As ameaças do PCC e as políticas de segurança pública

O episódio do registro em áudio da ameaça à pessoa do governador do estado de São Paulo, amplamente noticiado a partir da divulgação dos resultados de três anos de pesquisas do Ministério Público paulista sobre a facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC), marca o ressurgimento das tensões entre o governo paulistano e o crime organizado – tensões essas que haviam chegado a uma espécie de armistício nos anos subsequentes aos ataques de maio de 2006. O resultado da investigação reacendeu o debate em torno da efetividade das políticas públicas de segurança que vêm sendo implementadas no enfrentamento ao crime organizado, diante da “audácia” de bandidos sentenciados e já cumprindo pena de fazerem ameaças de repetir, durante a Copa do Mundo de 2014, os ataques ocorridos na capital sete anos antes.

A questão que se coloca, entretanto, é mais complexa e está no cerne dos problemas de segurança pública que têm pautado a agenda de governantes na maior parte dos estados brasileiros. Por um lado, a escalada de violência e criminalidade observada na maioria das grandes cidades do país após a redemocratização demandou mudanças significativas no desenho das políticas de segurança pública no Brasil: o problema da

violência urbana tornou-se um dos focos da agenda governamental, os municípios se tornaram parceiros importantes nas ações nessa área, houve considerável aumento do investimento público em recursos humanos e equipamentos nas polícias estaduais, criaram-se os departamentos especializados de investigação criminal e, não menos relevante, houve o endurecimento das práticas punitivas com a reformulação do Código Penal e a promulgação da Lei de Crimes Hediondos, de 1990. Este fato levou à enorme expansão das taxas de encarceramento no país, sobretudo no estado de São Paulo. Por outro lado, apesar da ênfase no “combate” ao crime organizado, especialmente ao tráfico de drogas, assistiu-se, desde o início dos anos 1990, não apenas ao aumento de inúmeras modalidades de crimes como a emergência de uma organização criminosa que atua de dentro das prisões, articulando rebeliões em presídios, agressões e ataques a agentes públicos, bases da polícia militar, delegacias, ônibus e bancos, com grande impacto midiático sobre a população.

A resposta a essa aparente contradição não está tanto na capacidade de ação dos governos, mas na forma como são de fato executadas as políticas de segurança pública no Brasil. Apesar dos avanços, as práticas opressoras e violentas historicamente construídas contra

Memória da UFRGS

RESQUIN / LUME / UFRGS



1954

Primeiro aniversário do Centro de Pesquisas Físicas da UFRGS (CPF). O órgão foi criado em 3 de setembro de 1953. Em março de 1959 foi extinto para dar lugar ao Instituto de Física. No centro da foto, o reitor Elyseu Paglioli.

direitos humanos no Estado democrático de direito. Essa contradição encontra respaldo em parte significativa da opinião pública conservadora, nomeadamente a que defende o lema de que “bandido bom é bandido morto” – ideia essa que agora vem sendo veiculada nas redes sociais por meio do compartilhamento de gravações de sistemas de vigilância de assaltos à mão armada interrompidos pela ação de segurança privados e/ou policiais, amplamente curtidos pelos partidários da “justiça imediata” no caso do flagrante delito.

Somente quando houver consenso político sobre a forma como a lei e a ordem devem ser asseguradas sem comprometer o direito fundamental à vida e ao julgamento justo, com pleno direito à defesa por parte de todo e qualquer cidadão, que se poderá avançar tanto no tratamento do criminoso quanto na reprodução da violência gestada no interior de nossa própria sociedade, na incapacidade de reconhecer a si mesma nas suas instituições e nas manifestações daqueles que são considerados menos que cidadãos, menos que humanos.

Melissa de Mattos Pimenta
Professora no Departamento de Sociologia da UFRGS e membro do Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania



Primavera da leitura

Feira do Livro Editora e Rádio da UFRGS abrem espaço para autores novos e consagrados e conquistam leitores

Como faz tradicionalmente, a Editora da UFRGS está mais uma vez na Praça da Alfândega. Com um catálogo de quase mil títulos, a barraca de número 84 situa-se no corredor da Rua Sete de Setembro, entre o Memorial do RS e a Praça de Autógrafos. Até o final desta 59.^a edição da Feira do Livro de Porto Alegre, a Editora lançará quase 50 novos livros, sendo que 16 terão sessões de autógrafa.

“Um dos destaques de nossa participação, além das novas edições, é a enorme procura por parte dos leitores. Considero esse um momento muito importante justamente por isso. Em nosso balaio de livros, colocamos títulos de todas as áreas do conhecimento, buscando oferecer especialmente aqueles que venderam muito à época de seu lançamento. Além disso, durante o evento, a nossa barraca se transforma num grande ponto de informação sobre a UFRGS”, revela a diretora Sara Viola Rodrigues.

A docente destaca que o famoso “balaio” do estande atrai leitores de todas as idades, pois ali se encontram títulos exclusivos. “Ao contrário das editoras

comerciais, que precisam vender rapidamente suas publicações, nós podemos manter em estoque todos os nossos títulos”, assinala.

Sara conta que há pessoas que vêm do interior do estado em busca das obras editadas pela Universidade. “Esse público chega a comprar vários exemplares do mesmo título, seja para presentear ou, no caso dos professores, para uso em sala de aula.” A diretora acrescenta que, embora estejamos em uma fase de transição do livro impresso para o eletrônico, é possível notar que o impresso mantém seu lugar no mercado editorial. “Tenho exemplos de leitores que compram livros impressos depois de terem lido a mesma obra numa versão digital”, observa.

Rádio – Durante os 17 dias da Feira, a Rádio da Universidade, na frequência 1.080 kHz, entrevistará mais de 200 autores no programa *Estação dos Livros*, que vai ao ar diariamente, das 17h30min até as 19h, inclusive aos finais de semana. A novidade deste ano é a criação de um endereço de Facebook no qual serão disponibilizados os links

das entrevistas realizadas no programa ([facebook.com/radiodauniversidadefacebook.com/radiodauniversidade](https://www.facebook.com/radiodauniversidadefacebook.com/radiodauniversidade)).

Luís Augusto Fischer, patrono da Feira deste ano e professor do Instituto de Letras da UFRGS, será o primeiro entrevistado do *Estação dos Livros*, que também prestigiará as 16 obras da Editora que terão sessões de autógrafa, entrevistando seus autores. Assim como nos últimos anos, o estande da Rádio da Universidade está localizado junto aos prédios do Bannisul e do MARGS.

Além da equipe da rádio, que conta com a colaboração de duas jornalistas, uma relações públicas, dois técnicos e três bolsistas de Jornalismo, também participarão os alunos da disciplina Rádio Jornalismo II, da professora Cida Golin. A programação dá atenção especial àqueles escritores que não têm espaço na grande mídia; conforme Cláudia Heinzelmann Soares, diretora da Rádio: “Temos esse cuidado porque os autores consagrados não carecem de tanta cobertura para vender suas obras, mas o pessoal que está começando uma carreira precisa dessa força”.

Internacionalização

Universidade do século XXI é tema de encontro

Com a perspectiva de ampliar a cooperação entre as universidades ibero-americanas e buscar novas oportunidades de intercâmbio de alunos e professores, está ocorrendo uma série de reuniões preparatórias ao *III Encontro Internacional de Reitores Universia – Rio 2014*, previsto para os dias 28 e 29 de julho na capital carioca. São mais de 1,8 mil instituições inscritas para o evento, cujo tema é “A Universidade do Século XXI – uma Reflexão da Ibero-América”.

“A internacionalização é central para as instituições de ensino superior neste mundo globalizado. É preciso criar condições para produzir convênios, mobilidade. O encontro funciona como um propulsor dessa interação”, ressalta o ex-reitor da Universidade de Salamanca e presidente do comitê organizador do evento, Ignacio Berdugo. Distante de uma concepção colonizadora, a identidade cultural, histórica e linguística entre Espanha, Portugal e países da América Latina deve ser preservada e utilizada como um elemento diferenciador da educação na Ibero-América, conforme o ex-dirigente de uma das mais antigas instituições educacionais da Europa.

Os eixos de ensino, pesquisa e extensão precisam ser planejados de forma global, com um olhar voltando para o que acontece em nações culturalmente semelhantes. “Os países com uma identidade cultural comum, ao mesmo tempo que precisam manter suas características individuais, compartilham uma história e têm de buscar o ponto de intersecção e de afirmação de sua identidade. É o caso da língua, um elemento comum que precisa ser mantido entre os países ibero-americanos. O Brasil faz parte da cultura lusófona, por isso tem de procurar pontos de ligação com países que falam a mesma língua, mas também tem muito em comum com as nações que falam espanhol”, sustenta.

A preparação para a conferência internacional prevê ainda a interação entre reitores, convidados e educadores pelas redes sociais. Um dos desafios aos reitores está em desvendar o papel e ampliar o uso das redes massivas de ensino online abertas – modalidade que vem ganhando espaço gratuitamente em renomadas universidades mundo afora. No dia 18 deste mês, o Comitê Internacional do Universia fará o lançamento oficial do encontro.

Exposições

Acessibilidade e parceria criativa

Até o dia 28 deste mês, a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo apresenta “Modos de Ser e Estar no Mundo”. Produzida numa parceria entre o Instituto de Artes, o Departamento de Difusão Cultural da Pró-reitoria de Extensão e o Programa Incluir da UFRGS, a exposição reúne artistas que trabalham com diferentes linguagens e conceitos para enfatizar a riqueza, a diversidade, as limitações e os não limites que nos caracterizam como seres humanos. Com curadoria de Rodrigo Núñez, Patrícia Bohrer e Cláudia Zanatta, a mostra enfrenta o desafio de ser instalada em um prédio antigo, que apresenta muitas dificuldades para os ajustes necessários de acessibilidade. Segundo seus idealizadores, trata-se de um projeto-piloto de exposição com a finalidade de inaugurar uma abordagem responsável sobre questões de acessibilidade e diversidade em um dos principais espaços culturais da Universidade. A acessibilidade possível, por ocasião da exposição, será limitada, sem acesso a cadeirantes. Haverá intérprete de libras para surdos e mediadores especializados para pessoas com deficiência visual, sendo necessário o agendamento prévio pelo e-mail iapin@ufrgs.br. A Pinacoteca funciona na Rua Senhor dos Passos, 248, e a visitação pode ser feita de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h.

“Alices: cenários de vida e arte” é a exposição que o Museu da UFRGS inaugura às 19h do dia 5 deste mês. A mostra celebra o trabalho das artistas Alice Brueggmann e Alice Soares e se apresenta como uma metáfora da visita à casa de um amigo querido, revelando as impressões e expressões dessas artistas, materializadas em imagens, cores, texturas, técnicas e suportes variados. O evento é um exercício da disciplina de Prática de Exposições Museológicas da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), orientada pela professora Zita Possamai. A turma do sexto semestre de Museologia disponibilizará o material educativo de formação de professores e mediadores para consulta no site do Museu (www.museu.ufrgs.br). A mostra tem visitação até 6 de dezembro na Avenida Osvaldo Aranha, 277, de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h.

Em ambas as atividades a entrada é franca.

Sessões de autógrafa

- | | |
|---|---|
|  | Praça de autógrafos 4/11
16h - O deslocamento de empresas de calçados para o nordeste brasileiro
Achyless Barcelos da Costa e Flávio Benevett Fligenspan |
|  | 16h - Educação linguística e cidadania
Paulo Coimbra Guedes (org.) |
|  | 17h - Gestão ambiental em bibliotecas
Jussara Pereira Santos (org.) |
|  | 18h - A casa, a escola, a rua: espaços de múltiplas práticas juvenis
Carmen Teresinha Brunel do Nascimento |
|  | Praça de autógrafos 5/11
20h - Os eleitos: representação e carreiras políticas em democracia
André Marengo (org.) |
|  | 20h - Indicações geográficas: qualidade e origem nos mercados alimentares
Paulo André Niederle (org.) |
|  | Praça de autógrafos 6/11
15h - Química geral experimental
Mara Bertrand Campos de Araujo, Suzana Trindade Amaral (orgs.) |
|  | Térreo do Memorial do RS
16h - EAD na formação de professores de música – fundamentos e prospeções
Helena de Souza Nunes (org.) |
|  | Praça de autógrafos 7/11
15h - Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas
Andréa Vieira Zanella |
|  | Praça de autógrafos 8/11
18h - Loucos nem sempre mansos
Viviane Trindade Borges |
|  | Praça de autógrafos 9/11
15h - Tamboreiros de nação: música e modernidade religiosa no extremo sul do Brasil
Reginaldo Gil Braga |
|  | 16h - A última noite do tempo
Tiago Martins |
|  | Praça de autógrafos 12/11
18h - 100 anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS: três ensaios
Blanca Brites, Icleia Borsa Cattani, Maria Amélia Bulhões e Paulo Gomes |
|  | Térreo do Memorial do RS 16/11
14h - Direitos humanos, prevenção à violência contra crianças e adolescentes e mediação de conflitos: manual de capacitação para educadores
Michele Poletto, Ana Paula Lazzaretti de Souza e Sílvia H. Koller (orgs.) |
| | Praça de autógrafos
16h - Imagens: arte e cultura
Alexandre Santos e Ana Maria Albani de Carvalho (orgs.) |
| | 19h - Políticas de diversidade: (in) visibilidades, pluralidade e cidadania em uma perspectiva antropológica
Denise Fagundes Jardim e Laura Cecilia López (orgs.) |



Tributo a um cientista autodidata

Josmael Corso*

A riqueza natural do Brasil, desde a sua descoberta, atraiu diversos naturalistas renomados. É o caso de Alfred Russel Wallace (1823-1913). Apesar de ter ficado anos na obscuridade, ele fez múltiplas contribuições à ciência, inclusive para a teoria da evolução biológica, ao lado de seu contemporâneo Charles Darwin (1809-1882). No dia 7 deste mês, completa-se o centenário de falecimento desse singular naturalista. Assim, cabe lembrar um pouco de sua trajetória e de suas descobertas.

Diferentemente do perfil dos primeiros exploradores da Era Vitoriana, Wallace era fruto de uma família bastante modesta e trabalhou a vida inteira para sobreviver. Nasceu na cidade de Usk, no Reino Unido, e aos 14 anos precisou deixar a escola para ser aprendiz de construtor. O trabalho no levantamento de propriedades rurais lhe oportunizou interesse pela história natural, pela geologia e pela astronomia. Nessa época, costumava passar seu tempo livre na biblioteca, realizando leituras que influenciariam fortemente sua vida futura. Dentre elas, a do livro *Uma viagem pelo Rio Amazonas*, de William Edwards (1847), foi a fagulha que faltava para que o jovem se lançasse à primeira e bastante audaciosa aventura no mundo das expedições científicas.

Na Amazônia brasileira – Em abril de 1848, ao lado de seu amigo Henry Walter Bates (1825-1892), Wallace chegou à atual cidade de Belém, no Pará. Os jovens aventureiros esperavam coletar e vender espécimes para museus e colecionadores particulares a fim de custear a expedição. Bates acabou permanecendo por 11 anos no país, e sua principal descoberta ilustra os livros didáticos de biologia – o chamado mimetismo Batesiano. Wallace, a exemplo dos naturalistas de seu tempo, não se restringiu a investigar animais ou plantas. A curiosidade se estendeu sobre tudo ao seu redor: o que era vivo e não vivo. Escreveu ensaios abrangendo diferentes campos da biologia, da geografia e também da antropologia, descrevendo vocabulários das tribos do Rio Uaupés, no Amazonas.

Em 1852, doente, resolve retornar à sua terra natal. Porém, o navio em que viajava incendiou, perdendo sua coleção particular de aves e insetos, inclusive de espécimes vivos. Wallace e a tripulação foram resgatados após dias em alto-mar e tiveram muita sorte em sobreviver. Apenas com as anotações que conseguiu salvar do naufrágio, o naturalista elaborou dois livros: *Palmeiras da Amazônia e seus usos* e *Narrativa da viagem ao Rio Negro e Amazonas*. Os trabalhos alcançaram certo prestígio, resultando em seu reconhecimento

como um grande naturalista expedicionário. Isso lhe possibilitou receber uma bolsa da Real Sociedade Geográfica para reiniciar suas atividades em uma nova expedição.

No Arquipélago Malaio – Durante o período em que esteve na região, entre 1854 e 1862, realizou centenas de expedições às ilhas da Indonésia, coletando uma incrível quantidade de espécimes: em torno de 125 mil, das quais cerca de 5 mil eram desconhecidas. As experiências desse período estão relatadas na obra *O Arquipélago Malaio* (1869), considerado o melhor livro de viagem científica do século XIX. A obra descreve a captura de orangotangos, aves-do-paraíso e o convívio com os povos nativos.

A polêmica com Darwin – O ano de 1858 foi marcado por um acontecimento histórico muito importante para a ciência: um impasse entre Wallace e Charles Darwin. Wallace passou anos investigando os mecanismos que atuavam sobre a evolução dos organismos, porém foi por consequência de um episódio de febre por malária, que quase lhe custou a vida, que concebeu a teoria segundo a qual organismos com atributos mais bem ajustados ao ambiente têm uma chance elevada de sobreviver e transferir características aos seus

descendentes. Empolgado com sua descoberta, escreveu um ensaio e o enviou a Darwin, com quem já se correspondia há anos.

Embora muito semelhante, a teoria de Wallace era distinta da proposta por seu colega inglês. Contudo, sem a prévia permissão de Wallace, o ensaio foi apresentado na reunião da Sociedade Lineana de Londres em 1.º de julho de 1858, juntamente com fragmentos inéditos da futura e mais importante obra de Darwin, pelos membros Charles Lyell (1797-1875) e Joseph Hooker (1817-1911). Cabe esclarecer que Darwin estava há 20 anos trabalhando em um volume muito maior sobre o surgimento das espécies. No entanto, muitos estudiosos afirmam que o ensaio de Wallace serviu de estímulo para que Darwin concluísse de forma compacta e simples a obra marco das ciências naturais, *A Origem das Espécies* (1859), publicada 18 meses após a leitura dos ensaios.

Contribuições à Ciência – Durante seus 90 anos de vida, Wallace produziu 22 livros e mais de 700 artigos, englobando uma grande diversidade de temas. Atualmente, ele é reconhecido por suas contribuições à ciência, sendo considerado o pai da biogeografia pela descoberta da descontinuidade da distribuição da fauna. Também é tido como cofundador da astrobiologia e da antropologia evolutiva. Foi o primeiro a sugerir que a extinção da megafauna no final do Pleistoceno (Era do Gelo - cerca de 12 mil anos atrás) poderia ter sido causada, em parte, pelo excesso de caça pelos humanos pré-históricos. O naturalista produziu ainda ensaios sobre a movimentação entre faunas da América do Sul e do Norte durante o período da Era Cenozoica (com início há 65,5 milhões de anos), hoje conhecido como o “Grande Intercâmbio Americano”. Também é relevante o fato de ter sido presidente da *Sociedade pela Nacionalização de Terras*, pelo período de 30 anos, na qual promoveu discussões sobre a reforma agrária na Inglaterra.

Embora pouco popular, Wallace foi membro de um grande número de sociedades acadêmicas, recebendo títulos e premiações de diversas universidades e instituições. Recebeu a medalha da Ordem do Mérito em 1908, premiação concedida pelo império britânico. Foi a quinta personalidade a receber, em 1892, a medalha de ouro da Sociedade Lineana – a qual estabeleceu a premiação da ‘Medalha Darwin-Wallace’ para descobertas relacionadas à biologia evolutiva, uma forma de reconhecer as contribuições do naturalista.

O menor destaque acadêmico de Wallace em relação a Darwin pode ser explicado por pelo menos dois motivos: ele pertencia a uma classe socioeconômica diferente da tradicional elite social inglesa, responsável pelo conhecimento científico reconhecido na época; envolveu-se e escreveu sobre espiritismo (embora houvesse membros religiosos nas sociedades acadêmicas, não pertenciam a essa corrente). Em conjunto, esses fatos podem ter contribuído para a resistência às suas ideias pela sociedade que dominava o cenário científico.

Há muitas razões para lembrar Alfred Russel Wallace neste mês e em todos os outros. Representa um fantástico exemplo de autodidata, aventureiro, cientista e, mais importante de tudo, um curioso. O reconhecimento de sua genialidade e seu envolvimento com a ciência e a humanidade sempre serão insuficientes diante de suas contribuições. Desse modo, é importante valorizarmos, pelo menos, o fato de que sua trajetória iniciou aqui em terras brasileiras.



ALFRED RUSSEL WALLACE.

*Doutorando do PPG em Genética e Biologia Molecular / UFRGS

À procura de leitores

Livros

As estratégias das editoras locais para garantir a sua permanência no mercado

Leitores gaúchos de várias gerações costumam lembrar saudosos do tempo em que a Livraria do Globo e a Editora Globo faziam sucesso na capital. Mas como anda a situação atual das editoras porto-alegrenses? O mercado do livro é ainda próspero na cidade? No mês em que Porto Alegre recebe a 59.ª edição da Feira do Livro, profissionais de editoras com perfis bastante distintos relatam ao JU sua rotina alternada entre o prazer e as adversidades.

Salva pela história – Há alguns meses, a editora L&PM anunciou a redução de suas operações na capital. Aqui permaneceu apenas a “massa pensante” da empresa. Todo o seu centro de logística foi transferido para um espaço de 2.500 m² na cidade de São Paulo, o que significa uma economia de cerca de 1 milhão de reais anuais. Isso porque 60% de seu mercado consumidor concentra-se por lá. Assim, a mudança trouxe significativa redução nos custos de frete e considerável facilitação em seus serviços. Com uma venda mensal de cerca de 150 mil livros, fica fácil imaginar o quanto a distribuição onerava os custos da empresa.

A editora foi fruto de um “ato político” dos amigos Lima e Pinheiro Machado, que a criaram em 1974, quando ainda eram estudantes da UFRGS. Na festa de lançamento do primeiro livro, na Faculdade de Arquitetura, compareceram tanto a resistência à ditadura quanto figuras do DOPS e do SNI disfarçadas. Ivan Pinheiro Machado explica que a L&PM se projetou, “com uma atitude muito coerente e séria com a democracia que estava sendo buscada para o país”. Consolidou-se, então, como uma editora voltada para o Brasil. Uma atitude de certa forma profética, pois, segundo ele, “não existe hipótese de uma editora se sustentar atualmente direcionada apenas ao Rio Grande do Sul”.

Desde a década de 80, quando a editora tomou corpo, havia uma base operacional na capital paulista. Porém, na década seguinte, essa base teve suas atividades encerradas após uma grave crise da empresa. As dificuldades financeiras coincidiram com um período de “rupturas de conceitos”, conforme Ivan. Foi o momento da ascensão da internet, da entrada das multinacionais no Brasil e também da estabilização do real, quando as taxas de juros ficaram bastante elevadas.

Sem capital de giro, a L&PM



Cló Barcellos, diretora da Libretos, conta que sua empresa prioriza a publicação de obras com temas de relevância para o leitor local

perdeu a capacidade de investimento e de concorrência, ficando à beira da falência. O que salvou a editora gaúcha foi a fidelidade, por convicção política de seus autores, que não aceitaram as propostas da concorrência. Um desses casos emociona Ivan: o escritor uruguaio Eduardo Galeano se dispôs a manter seu vínculo até o último minuto. Além de ser salva por sua história, a editora ganhou fôlego com uma ideia casual: publicar livros de bolso. O formato de baixo custo emplacou, e hoje a Coleção Pocket garante à empresa o posto de maior comercializadora do modelo no país.

Atualmente, a L&PM tem uma estrutura consolidada: são 60 funcionários fixos e uma publicação mensal que vai de 20 a 30 novos títulos. Porém Ivan garante que a empresa mantém a postura e a identidade que a caracterizam desde a sua origem. Em relação aos livros digitais, o editor revela que imaginou que haveria uma explosão maior desse formato, mas que esse mercado constitui apenas 2% do total das vendas. “A gente imagina que no Brasil o digital evolua mais para o mercado de conteúdo de informação do tipo jornalístico do que para o livro”, conclui.

Foco na cidade – Há mais de uma década, a jornalista e designer Cló Barcellos dirige a editora Libretos. Contrariando a tese de Ivan de que é impossível manter uma editora no Rio Grande do Sul, a empresa prioriza publicações voltadas a temas com relevância para a capital e é desse modo que consegue se sustentar por aqui. Claro que há uma razoável diferença de estilo entre as duas editoras. A Libretos encontrou seu nicho local e possui uma infra-

estrutura significativamente menor. Basta conhecer sua sede, o andar de cima de um duplex situado no bairro Menino Deus. A equipe fixa, quase familiar, tem três pessoas.

O grupo se encarrega dos mínimos detalhes. Cló relata que, quando necessário, ela mesma cuida da distribuição: “A gente entende que nossa obrigação é estar com o livro na livraria”, assegura.

Mesmo pequena, a jornalista considera que sua editora já está consolidada. São cerca de 60 títulos, sendo os mais vendidos *Tragédia da Rua da Praia* e *Enchente de 41*, ambos de Rafael Guimaraens (também sócio da Libretos). No catálogo há apenas um livro digital, mas ainda sem divulgação. “Não renegamos essa área, só que tem de haver toda uma ação de marketing que ainda não desenvolvemos.” Para a Feira do Livro, está previsto o lançamento de 12 títulos no formato tradicional.

O desejo atual da Libretos é expandir sua área comercial. Há pouco, fechou negócio com a Bookpartners, empresa paulista que auxilia na comercialização e distribuição de livros. Até agora, a própria Libretos se encarrega da distribuição direta para outras áreas do Brasil, por meio da negociação com os livreiros de cada região e do apoio de uma transportadora.

Atenta à produção atual – A Não Editora nasceu em 2007 com a proposta de divulgar a produção de novos escritores gaúchos. Assim como a L&PM, foi resultado da aventura de dois jovens amigos: os publicitários Rodrigo Rosp e Samir Machado. Pouco antes, eles haviam se envolvido com a produção de uma coleção de ficção científica e terror, intitulada *Ficção de Polpa*,

lançada por outra editora independente, a Fósforo. A partir da vontade de publicar o seu próprio livro, Rodrigo teve a ideia de criar a Não Editora, que pouco depois seguiu com a publicação da *Ficção de Polpa*.

Com uma equipe de cinco pessoas, a editora se consolidou dentro de um nicho ligado às oficinas de criação literária, responsáveis pela formação de jovens escritores – os próprios sócios participaram dessas oficinas. E foi fácil conquistar o público que saía das faculdades de comunicação e de letras da cidade. Trata-se de um cenário que, segundo Rodrigo, consegue se manter. “A gente faz um lançamento e vende uns 100 livros. É uma largada que já dá um sustento bacana.”

Rodrigo conta ter gostado da “brincadeira”. Por isso, em 2009, criou um selo com outro sócio: a Dublinense – uma “sim editora”. A ideia era fazer uma empresa propriamente dita, pois a Não Editora era tida como um projeto paralelo que acabou se tornando uma marca da Dublinense, tanto que o CNPJ é o mesmo, o que facilita a distribuição dos livros. Porém, enquanto a Não prioriza a publicação de autores com um projeto literário sólido, a Dublinense produz desde livros de psicanálise até de “ator global”.

Sobre as dificuldades de administrar uma editora de pequeno porte, Rodrigo garante que, com cuidado, é possível manter uma boa situação. Um impulso para os dois selos foi dado no ano passado quando o governo federal comprou 30 mil exemplares do livro *Menino Perplexo*, de Israel Mendes, publicado pela Dublinense, e outros 30 mil de *Pó de Parede*, de Carol Bensimon, pela Não Editora. “O equivalente ao faturamento de um ano inteiro.”

Rodrigo ressalta que os incentivos vêm, sobretudo, do governo federal, pois o estado pouco ajuda.

Falta fôlego – Essa falta de incentivo do governo estadual é consenso entre os editores. Ivan Pinheiro Machado é o mais enfático nas críticas. “São Paulo compra cerca de 30 milhões de exemplares por ano para suprir 16 mil bibliotecas públicas. O Rio Grande do Sul não compra nem um livro desde 1996”, declara. Ivan relaciona o fato à perda de relevância do estado não só no setor do livro, mas também no agrícola. Outra dificuldade destacada pelo editor é a monopolização do mercado pelas editoras do centro do país.

Cló Barcellos é menos alarmista, mas concorda que as editoras não têm fôlego para o próprio estado. Ela destaca certa vontade do governo para o incentivo ao livro, porém que não alcança as editoras locais. “Apesar dos planos de compra, eles não chegam a investir nos livros gaúchos. As bibliotecárias recebem quilos de marketing das editoras do centro do país.”

A sócia da Libretos é também vice-presidente do Clube dos Editores, entidade que desempenha papel importante no que se refere ao fortalecimento da categoria. Em encontros mensais, os associados discutem soluções para a situação atual. Para a Feira do Livro, foi elaborado um catálogo coletivo em CD para divulgar as publicações para as bibliotecas. De acordo com Ivan, é tudo uma questão de entender o livro como processo civilizatório, noção que, para ele, parece não estar na cabeça de alguns governantes.

Júlia Corrêa, estudante do 6.º semestre de Jornalismo da Fabício



FLÁVIO DUTRA/JU



Yuri Sias e Patrícia Lima integram o coletivo de estudantes que promoveu a inclusão da agroecologia no currículo do curso

Ideal ecológico

Agronomia
Pomar, estufa e banco de sementes geridos por alunos promovem agricultura de base sustentável

Everton Cardoso

Por força do que se estabeleceu com o passar do tempo, os modelos vigentes muitas vezes parecem ser as únicas alternativas possíveis. Assim tem sido tanto com a agricultura quanto com a academia: no caso da primeira, isso pode ser visto no domínio da

atividade norteada pela dependência de insumos químicos; no da segunda, pela tradicional relação entre um professor que ensina e alunos que aprendem. Subverter essas ordens pode significar propor um novo modelo, uma nova lógica. É o caso da experiência do grupo Uvaia, da Faculdade de Agronomia da UFRGS. A iniciativa partiu de estudantes de graduação e contribuiu, em boa medida, para que a agricultura ecológica fosse aos poucos se estabelecendo na Universidade. O processo levou, inclusive, a uma mudança na grade curricular do curso de graduação, que em sua versão atual oferece estudos voltados ao cultivo sem insumos químicos. O coletivo, cujo nome vem de uma planta frutífera nativa do Rio Grande do Sul e também serve de sigla para 'Uma Visão Agrônômica com Ideal

Agroecológico', surgiu em 2003 e, desde então, tem trabalhado para discutir, juntamente com outros agrupamentos, formas de desenvolver e promover seus ideais.

Na prática – Atualmente, o grupo conta com duas áreas na Faculdade de Agronomia e que servem de laboratórios vivos para a implantação de técnicas e modelos que propõem alternativas de trabalho na terra: uma estufa de biodiversidade agroecológica e um pomar agroflorestal – este localizado à beira do Arroio Dilúvio, numa área que fora um potreiro e que, por isso, tinha um solo bastante empobrecido. Nesse espaço, estão árvores frutíferas nativas do Rio Grande do Sul – como pitangueira, cerejeira e grumixama – e leguminosas – que normalmente dão vagens, como o feijão-de-porco .

Também encontramos pés de louro, cedro, angico vermelho e outras normalmente usadas na produção de madeira. Por fim, há culturas anuais geralmente plantadas em lavouras, como milho, feijão e mandioca, e até mesmo um canteiro de ervas medicinais e vegetais comestíveis pouco conhecidos.

De acordo com o estudante de Agronomia e participante do projeto Guilherme Abreu, um dos grandes méritos do pomar é a recuperação de uma área que surgiu como aterro. "O local era chamado de bota-fora, pois lá se descartavam detritos de obras da cidade", conta. Ainda que Guilherme advirta para a impossibilidade de se consumir as frutas produzidas no pomar – não se tem como determinar o que as frequentes enchentes do Arroio Dilúvio trazem consigo –, as sementes retiradas dos frutos

têm servido para a produção de novas mudas. Ele, no entanto, ressalta a importância de essas plantas fornecerem tanto sementes quanto madeira, matéria verde para adubação, entre outras coisas. Aliás, o tipo de pomar organizado pelo grupo é pensado para se tornar autossustentável. Quando usado por um agricultor com vistas à recuperação de alguma área degradada, o plantio segundo essa técnica tem a vantagem de permitir que a área siga produzindo, mesmo que não da forma tradicional.

Disseminação – De acordo com o estudante Yuri Sias, também envolvido no projeto, trabalhar no pomar é uma oportunidade de aprender por meio da prática. "Para manejar tem de planejar", assevera. O aluno de Agronomia faz questão de mostrar as planilhas utilizadas para organizar suas tarefas: semear, plantar mudas, podar, colher frutos, elaborar e usar fertilizantes naturais, carpir, controlar formigas, entre outras tantas. Mas não só as atividades de cultivo e experimentação tomam o tempo dos estudantes participantes do Uvaia. O grupo mantém, por exemplo, um banco de sementes crioulas, sem aditivos químicos. "Só de milho e feijão temos 20 variedades", orgulha-se. Atualmente, o estudante trabalha na catalogação do acervo previamente existente e que ainda não estava completamente organizado. Isso porque, segundo ele, recebem muitas doações e fazem muitas trocas tanto de sementes quanto de mudas cultivadas por eles na estufa pela qual também são responsáveis.

Na avaliação do professor do Departamento de Fitossanidade e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) Fabio Dal Soglio, o projeto tem contribuído bastante para colocar em pauta o tema da agricultura de base ecológica na Universidade e chegou a influenciar na constituição de um novo currículo para o curso de Agronomia. Agora, os estudantes podem, no quinto ano de faculdade, aprofundar-se em manejo ambiental e de agroecossistemas. Sobre a subversão promovida pelo grupo, o docente avalia: "O que era antes um trabalho contra a própria instituição hoje é parte dela. Valoriza e muda a universidade de maneira consciente pelos alunos".

Dois-pontos

Antônio Falcetta, revisor

antonio.falcetta@secom.ufrgs.br

► Coala iletrado

Numa espécie de rotina, acompanho um processo judicial que, dada a celeridade com que as tramitações judiciais são pautadas, se arrasta pelo acúmulo dos anos. Não, não matei ninguém ou cometi qualquer delito – busco a defesa de um direito. Claro, por se tratar de argumento contra argumento, meu direito está relativizado pelas partes dessa peça jurídica. Mas o que interessa aqui não é o caso em si, só utilizado nesta coluna para ilustrar, mas as tentativas de leitura que empreendo a cada novo evento no processo. Recorro ao dicionário, tentando decifrar palavras e expressões como quem olha a fauna do fundo do oceano. Nunca sei, em síntese e ao certo, se a soma dos

fatores me favorece. Óbvio que a construção dos sentidos e dos mecanismos jurídicos obedece a um empreendimento discursivo de mais de mil anos; as expressões latinas, por exemplo, evidenciam ferramentas que se sustentam em princípios gestados na origem do Direito. Mas não deixa de me incomodar essa falta de compreensão, uma vez que a Justiça, em tese, está a serviço de todos, e não é – ou deveria ser – relativizada pela iniciação do sujeito. Claro, como muitos dos textos técnicos, trata-se de um código não aberto, cujo domínio do seu discurso, que possui uma história, capacita o profissional. Qualquer um pode me dizer que a língua portuguesa – e por extensão seus estudiosos –, enquanto investigação acadêmica, é também uma sociedade secreta à qual

apenas aqueles que se desapegam das coisas importantes da vida se dedicam e investem o seu tão raro tempo. A língua se caracteriza por ser um código fechado a iniciados? Para passarmos por esse portal temos de transitar por entre orações subordinadas substantivas objetivas diretas, adjuntos adverbiais concessivos, metáforas e metonímias? Isso não deixa de ser em parte verdade, mas sabermos esses conceitos e funções nos garante a plena capacidade de dizer o que pensamos? Possivelmente mais sim do que não, mas a questão é outra: fazemos um vestibular para a vida em sociedade, dessa sociedade. Nossa classificação nos dá x ou y direitos. As profissões criam, sim, discursos para que seus confrades possam exercer aquele domínio. Daí um fundamento da

nossa cultura: há o conhecimento instituído, dominante, e os outros conhecimentos, ilegítimos – ao menos dentro do círculo dos iniciados no conhecimento dominante. Sim, alguns devem estar conjecturando: "papo de vândalo". Mas quando um amigo me noticiou com expressão de total preocupação que seriam votados os embargos infringentes, pasmei. Me senti um coala alienado. Sim, me acho mais um coala que um subversivo. Mas na condição de coala, com todo o respeito e admiração a esses marsupiais, percebo ao menos que o discurso dos economistas na mídia, por exemplo, é quase uma lição de ignorância. Não deles, mas a evidênciação da minha. Como se dissessem: veja, adianta explicar essas coisas sérias a um coala?

De volta à escola

EJA Grupo de servidores da Universidade reflete sobre a experiência de retornar à sala de aula

Everton Cardoso

“Vou falar menos errado o português, me sentir mais leve. Não vou mais precisar que alguém tire meu contracheque ou marque minhas férias. É claro que meus colegas não se negam, fazem para mim. Mas vou poder fazer eu mesmo.” Na avaliação do carpinteiro José Ozorio da Silva, é possível entender o quanto a educação representa o acesso a uma série de recursos e a uma autonomia que muitas vezes passam despercebidas a quem teve a oportunidade de estudar na infância. Agora, aos 51 anos, o responsável pela manutenção na Faculdade de Veterinária da UFRGS tem a chance de superar o que ele define como uma “parada no tempo”: é um dos 21 servidores da Universidade que fazem parte da turma de Ensino de Jovens e Adultos oferecida desde agosto pelo Colégio de Aplicação. Atualmente, 292 integrantes do quadro da Universidade não possuem o primeiro nível da Educação Básica concluído. “Eu achava que era burro, mas meus colegas sempre me disseram que era porque tinha parado de estudar”, conta José Ozório.

Mudança à vista – Aos 54 anos, a auxiliar de agropecuária Santa Isabel da Silva também vê a grande importância do retorno aos estudos. “Muda muita coisa na vida da pessoa”, diz ela. Para a servidora que trabalha na lavanderia do Hospital de Clínicas Veterinárias (HCV), estudar é um meio importante para se ter oportunidades e, assim, melhorar de vida. “Acho bonito a pessoa que está sempre se atualizando”, opina. Quando criança, ao terminar a terceira série, Isabel reprovou; foi então que desistiu de estudar: “Era muito difícil, minha mãe tinha muitos filhos”. “Para os meus pais”, conta, “tanto fazia. Eu e minha irmã mais velha íamos à escola por ir, não tinha importância.” Com o tempo, no entanto, a servidora foi percebendo o quanto a educação formal que não lhe parecera importante faz falta: hoje, a mãe, que não sabe nem ler nem escrever, depende dela quase completamente.

A vivência do assistente de laboratório Djalmo Rodrigues, que também trabalha no HCV, encerra outra não tão incomum história de abandono dos estudos: “Tive de ir à luta”, justifica, pois quando adolescente teve de se dedicar ao trabalho para ajudar a equilibrar as finanças da família. “Éramos só minha mãe e eu que sustentávamos mais dois irmãos. Por isso, eu tinha de ajudar”, explica. E ressentia-se: “Senti falta depois. Quando entrei na UFRGS, via o pessoal falando em estudar e ficava querendo retomar. Não tive tempo para pensar sobre carreira”. Agora, por influência da família e dos colegas, Djalmo decidiu voltar aos bancos escolares. “A minha mulher me disse para arrumar a



Desde agosto, o Colégio de Aplicação oferece uma turma de Ensino de Jovens e Adultos em Nível Fundamental

FLAVIO DUTRA/JU

merenda, comprar caderno, estojo e lápis”, diverte-se. “Foi”, define ele, “como voltar à adolescência, como começar tudo de novo.”

Igualmente ansioso ficou o electricista Ismael Vieira, de 60 anos. Ainda que tenha tentado retomar os estudos depois de adulto, sempre apareceram empecilhos. Na oportunidade que surgiu recentemente de integrar a turma do Colégio de Aplicação, o responsável pela manutenção elétrica do Instituto de Informática viu a oportunidade de tentar corresponder a uma expectativa bastante pessoal: “Tenho um filho que é formado em Marketing, então preciso me puxar um pouco”, brinca. “Sempre incentivei meus quatro filhos a estudar. Dois deles começaram a cursar Direito, mas trancaram para poder trabalhar”, conta. Como considera importante a educação formal, sintetiza seu sentimento por estar agora no EJA: “Nunca é tarde para estudar”.

Momento de ansiedade – Na nova relação que estabelece com a escola, Osvaldo dos Santos, responsável pela manutenção de geradores e condicionadores de ar do Instituto de Biociências, nem de longe lembra o adolescente que fora. “Eu não era mau aluno, mas não tinha apoio da família”, explica. Depois de duas reprovações em dois anos de estudo, o pai – “um sábio fabricante de cachaça” – cumpriu a ameaça que lhe havia feito: como Osvaldo não teve bons resultados na escola, foi obrigado a deixar de estudar para trabalhar na roça. “Era difícil entender as matérias. Eram 30 alunos na sala, então a professora não conseguia atender a todos, só àqueles que

se destacavam”, rememora. Hoje, aos 55 anos, espera ansioso a hora de ir à escola. “Sempre vou mais cedo para o colégio. Preparo café para todo mundo”, revela o recém-eleito representante da turma.

Para o porteiro da Escola de Engenharia no Câmpus do Vale, Darlei Almeida, a expectativa de retomar os estudos foi, enfatiza ele, uma “oportunidade única”. Assim que soube da turma de EJA do Colégio de Aplicação, inscreveu-se. “Era mais um desafio”, diz. Como tinham uma prova de avaliação antes do início das aulas, teve dias de preparação: lia jornais, pegava cadernos para escrever, queria fazer o melhor possível. “Dizem eles que eu gabaritei”, orgulha-se. Depois do início das aulas, sentiu-se ainda mais desafiado pelo que, para ele, é tanto algo importante quanto obrigatório: estudar. “Sempre digo que hoje em dia, na vida, tem que estudar e trabalhar. Se não, não se cria”, ensina.

Letras e números – Ainda que voltar a estudar seja um desafio em si, os agora estudantes já elegeram: espanhol e matemática são as matérias que mais oferecem dificuldade. “Passamos um tempão sem estudar e chegamos em casa cheios de dúvidas, além dos problemas da gente”, diverte-se Santa Isabel da Silva. Para a auxiliar de agropecuária, as situações armadas para serem transformadas em operações matemáticas sempre causaram dor de cabeça. “Cada dia a gente vai melhorando um pouco”, consola-se. Também para Djalmo Rodrigues o tempo sem estudar tem sido um fator de dificuldade com os números: “Está tudo meio

atrofiado. Deve ser pela idade”. “Na hora de montar as somas, cai zero para cá, cai zero para lá”, diz sobre os processos. O auxiliar de laboratório, no entanto, observa haver na turma em que estuda um clima bastante favorável. São 23 colegas – apenas dois não são servidores da Universidade: “Fazemos muito trabalho em grupo, então um ajuda o outro”. Também Darlei Almeida encontrou uma solução para resolver seus “problemas”: pede ajuda a seus filhos Mateus, Gabriel e Luca, de 13, 11 e 7 anos. “Cada qual quer ensinar mais. Gosto de aprender com eles, pois veem que estão me passando uma coisa boa”, conta. “Fazemos tanto pelos filhos”, continua, “eles também podem fazer algo por nós.”

Novo idioma – Na aula de espanhol, José Ozorio da Silva já anteviu qual seria a matéria que representaria maior dificuldade: “Foi a primeira que tivemos. Não sabia nada”, admite. Ele conta que ouvia o professor falando no idioma estrangeiro e, ainda que prestasse atenção, não compreendia muitas das coisas. “Aprendi algumas palavras: ‘buenas tardes’, ‘el gacho’”, relata. Também Ismael Vieira teve aí seus primeiros tropeços. “Tem que usar muitos Ls e Rs. Mas estou pegando aos pouquinhos.” “Buenos días” é a primeira frase que lhe vem à mente quando diz o quanto tem aprendido. “Sou da fronteira”, revela Osvaldo Santos para explicar a razão por que entende, mas tem dificuldade de escrever em espanhol. “A primeira aula foi estranha”, diz – ainda que já tenha uma lista de coisas aprendidas que inclui até “papas fritas”.

Quando entrei na UFRGS, via o pessoal falando em estudar e ficava querendo retomar

Djalmo Rodrigues
Assistente de laboratório

Sempre digo que hoje em dia, na vida, tem que estudar e trabalhar. Se não, não se cria

Darlei Almeida
Porteiro

Tenho um filho que é formado em Marketing, então preciso me puxar um pouco

Ismael Vieira
Electricista



Foco no ensino médio

Interação

Programa que atrai meninas para as áreas exatas foi destaque em Congresso de Engenharia

Jacira Cabral da Silveira

Durante o XLI Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia (Cobenge) deste ano, coordenado pela professora Liane Ludwig Loder, da Escola de Engenharia da UFRGS, foi apresentada a primeira avaliação da experiência brasileira mais longa e ininterrupta de interação entre os cursos de engenharia e o ensino médio: *Encorajando Meninas em Ciência e Tecnologia* (EMC&T). Coordenado pela professora Valquíria Villas-Boas, esse programa, desenvolvido desde 2009, é uma das atividades do projeto *Engenheiro do Futuro* da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e tem como objetivo principal atrair o público feminino para os cursos da área.

“A Engenharia é estereotipada como um campo de trabalho masculino”, analisa Valquíria. Segundo ela, historicamente as mulheres foram privadas da educação e das áreas de Ciência e Tecnologia, por isso “se fez necessário um incentivo para que elas ingressassem na área da engenharia”, justifica a professora, declarando-se uma incentivadora da atividade de divulgação científica.

Os encontros do EMC&T acontecem de março a dezembro, todas as sextas-feiras, das 13h30 às 16h30, para uma mesma turma de 40 meninas oriundas do ensino médio, em sua maioria de escolas públicas. Para receberem o certificado no final do ano elas precisam ter 90% de frequência. As atividades são realizadas em diferentes laboratórios e salas de aula da Universidade, especialmente junto ao Centro de Ciências Exatas e Tecnologia (CCET). Ali, as meninas são ‘apresentadas’ a diferentes aplicações tecnológicas, conceitos e problemas reais de ciência e engenharia.

Além de rodas de conversa sobre assuntos variados, são oferecidas oficinas de robótica e de usos de energia, de eletroquímica, de produção de etanol e de biogás. Algumas dessas oficinas são realizadas em duas semanas, devido à densidade do conteúdo a ser trabalhado com a turma. Uma vez por semestre, é promovida uma sessão de cinema, seguida de debate. Os filmes exibidos são relacionados à produção científica e ao cotidiano dos pesquisadores.

Mas a oficina que mais conquista as jovens é a de observa-

ção astronômica, coordenada pelo astrônomo e professor do Instituto de Física Odilon Giovannini. Nessa atividade, as estudantes passam o dia inteiro na universidade. Primeiro visitam o planetário e, quando escurece, é montado o telescópio para a observação de estrelas. Na avaliação de Valquíria, esse encantamento acontece porque: “O universo desconhecido é muito atraente, e elas sabem que a maioria não vai ter a menor oportunidade de vivenciar uma experiência como essa novamente”.

Por outro lado, a professora diz que o programa é um ‘problema’ para as escolas de origem das meninas: “É que elas voltam à sala de aula e ficam questionando os professores por que eles não fazem esse tipo de atividade na escola. Elas se tornam mais exigentes!”.

Amor à camiseta – A equipe que colabora com o EMC&T é formada por 15 professores que dedicam de duas a quatro semanas por semestre desenvolvendo as oficinas. Como é uma atividade desempenhada dentro da carga horária docente, não há complementação do salário: “É amor à camiseta”, afirma a professora. Atualmente, colaboram com o projeto cinco alunos bolsistas dos (nove) cursos de Engenharia da UCS.

Todo início de ano é feita a divulgação do programa junto a 4.ª Coordenadoria Regional de Educação durante reunião de diretores das escolas, quando os professores da Universidade apresentam todas as atividades do *Projeto Engenheiro do Futuro* abertas aos alunos. Além do *Encorajando Meninas em Ciência e Tecnologia*, são oferecidas a *Mostra Segue*, o *Rali Científico e Tecnológico* e o *Curso de Metodologia*

da Pesquisa para os professores. Os docentes de ensino médio que fizeram suas especializações no CCET também auxiliam na divulgação: “Eles identificam nas suas escolas as adolescentes com potencial nas áreas das exatas”.

Conforme dados apresentados no Cobenge, 45,5% das 92 meninas que participaram do EMC&T optaram por fazer um curso de engenharia.

“É um índice muito grande comparado ao que você fica sabendo de outros estudos”, afirma a professora Valquíria. Ela acredita que esse percentual poderia ser maior, não fossem alguns impedimentos: “Muitas vezes, e no nosso caso acontece muito isso, essas jovens acabam indo para outra área porque precisam começar a trabalhar, já que suas famílias não têm meios de sustentá-las numa engenharia”, pondera.

Estudantes se tornam mais exigentes em suas escolas de origem

No final do que podemos considerar um ‘curso de iniciação científica nas engenharias’, as participantes conhecem as diferentes formas de acesso e de financiamento no ensino superior. Ela garante que, embora o programa seja desenvolvido por uma instituição privada, “nosso objetivo não é atrair as alunas para a universidade, mas sim cativá-las para a área da engenharia”, enfatiza a docente.

Na Universidade

A Escola de Engenharia da UFRGS tem realizado algumas iniciativas para promover a interação dos alunos do ensino médio com os cursos de engenharia. No início dos anos 2000, o professor do Departamento de Engenharia Elétrica da Escola de Engenharia Alberto Bastos do Canto Filho aceitou a provocação de um de seus alunos de graduação para apoiá-lo a montar uma atividade que se tornaria *O desafio de robôs da UFRGS – Sumô de robôs*. Podiam participar da disputa estudantes de diferentes instituições, tanto públicas como privadas, do fundamental ao ensino superior.

Essa diversidade de participação acabou ocasionando situações bastante inusitadas. Alberto lembra uma edição em que a equipe de uma renomada universidade do interior do estado, que geralmente destacava a nata de seus doutorandos para montar seus protótipos, teve seu sofisticado robô vencido por uma criação bastante simples de alunos de uma escola de ensino médio, fabricada com peças de Lego. “Mas a nossa intenção era essa, divertir a gurizada”, ressalta.

A partir dessa atividade, promovida por cerca de cinco anos, foi criada outra: *O meu primeiro robô*, um curso destinado a alunos e professores desde o ensino fundamental para aprenderem a fazer robôs de sucata. Alberto recorda

de uma das edições em que convidou o professor de Física de sua filha para que trouxesse seus alunos para participarem do projeto: “Eles gostaram tanto que nós ganhamos ali uns quatro ou cinco alunos, entre eles a minha filha, que está fazendo Engenharia Química”, diverte-se ao comentar.

Mais recentemente, Liane Ludwig Loder, colega de departamento de Alberto, diz que a promoção do *Portas Abertas* tem cumprido a função de divulgar o que são os cursos de engenharia – nas suas treze especificidades – para os futuros alunos. Ela ressalta a importância da visita que a Escola recebe durante esse tradicional projeto da Universidade: “A gente acaba não rastreando, mas já ouvi alunos comentando que vieram para o curso por causa do *Portas Abertas*”.

Ao avaliar esse tipo de atividade, que permite o convívio – talvez o primeiro – com o que se faz em termos de experimentos na universidade, Alberto ressalta o potencial motivador de tais ações. Para ilustrar, recorda a reação de um menino de cerca de dez anos de idade que participou com um colega e sua professora do *UFRGS Jovem*, há alguns anos. Eles passaram uma tarde inteira aprendendo a montar um robô de sucata e, no final, o guri não queria ir embora: “Os olhos dele brilhavam”, recorda. “Não é uma questão cognitiva, é uma questão afetiva”, sintetiza.

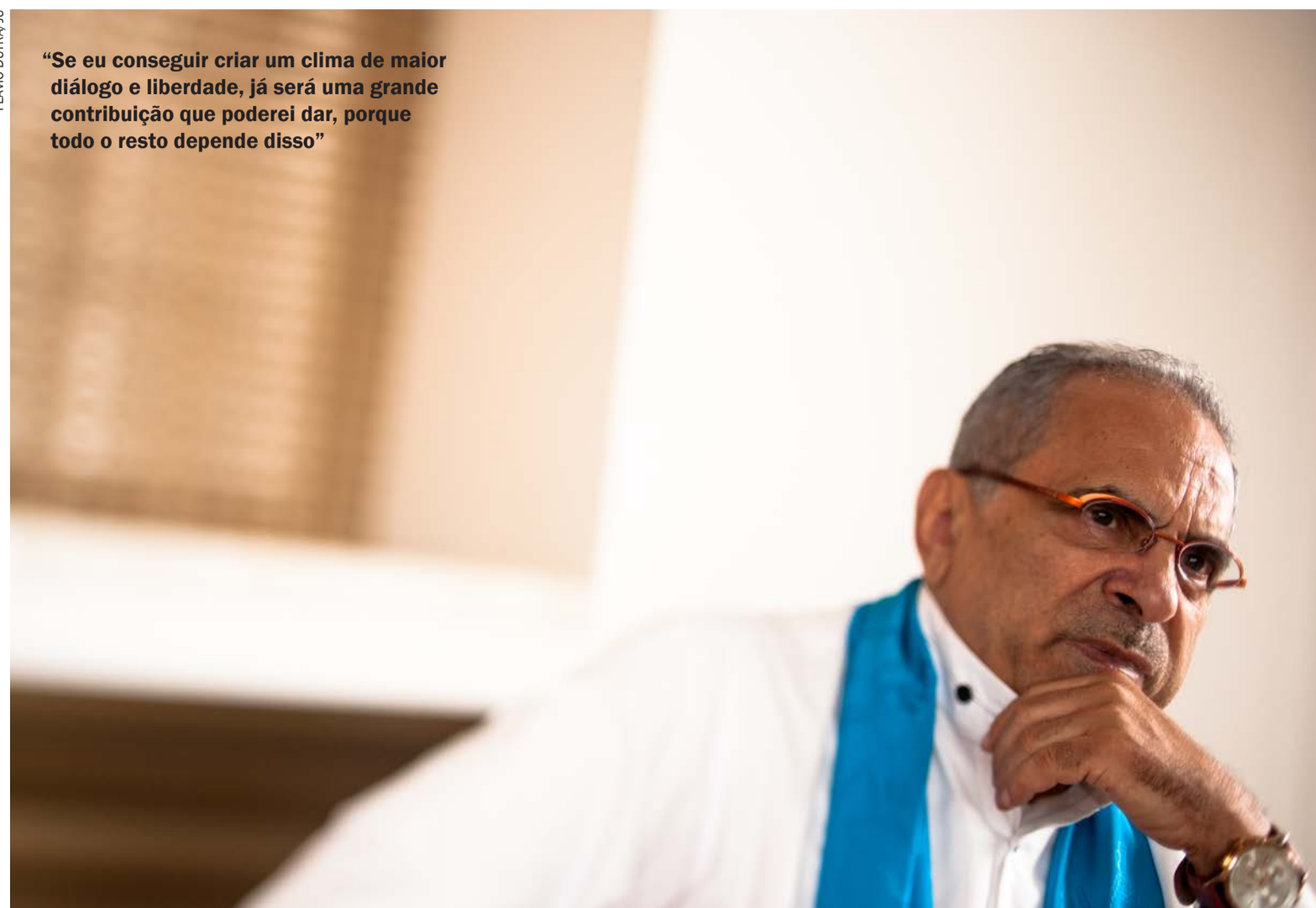
Alunas do ensino médio participam de oficinas, sessões de cinema e rodas de conversa com pesquisadores





FLÁVIO DUTRA/JU

“Se eu conseguir criar um clima de maior diálogo e liberdade, já será uma grande contribuição que poderei dar, porque todo o resto depende disso”



Maestro da conciliação

Ramos-Horta
Novo Doutor Honoris Causa da UFRGS descreve as dificuldades na estabilização política da Guiné-Bissau

Jurista, prêmio Nobel da Paz em 1996 e segundo chefe de Estado da história do Timor-Leste entre os anos de 2007 e 2012, José Manuel Ramos-Horta, consagrado por estudos relativos à paz para a defesa dos direitos humanos e da autodeterminação dos povos, se depara agora com um novo desafio. Nomeado representante especial das Nações Unidas, trabalha desde fevereiro na mediação do conflito interno e no restabelecimento de um governo democrático na Guiné-Bissau. Homenageado com a distinção de Doutor Honoris Causa pela UFRGS em 1.º de outubro, o porta-voz e emissário da ONU relata as dificuldades na tentativa de pôr fim à instabilidade política do país africano.

Quais foram as suas primeiras impressões ao chegar em Guiné-Bissau em fevereiro deste ano no que concerne aos aspectos políticos e sociais, e como está o cenário no país neste momento?

Encontrei um povo com esperanças excessivas em relação a minha pessoa. Muitos já me conheciam, então parecia que eu era o Salvador, o Messias que chegou. Encontrei uma atmosfera

bastante tensa entre políticos e militares, e também uma comunidade internacional, nomeadamente os países africanos, com posições muito divergentes em relação à situação na Guiné-Bissau. Havia uma quase total ausência de diálogo entre os parceiros globais, o que levou a dificuldades de toda a ordem. O país, que já é muito pobre, ficou mais pobre ainda com as sanções impostas pela União Europeia (UE) que afetaram seriamente os setores de saúde e de educação. Apesar disso, ao contrário de muitas nações da África e do Oriente Médio, na Guiné-Bissau nunca houve violência étnica ou religiosa. Além disso, é um país potencialmente rico em petróleo, bauxita, fosfato, e com um mar riquíssimo para a pesca. A criminalidade é muito baixa, e é mais seguro você andar por qualquer rua de Bissau do que em São Paulo, no Rio de Janeiro ou em qualquer outra grande cidade da América Latina. Na imprensa internacional ainda se fala muito sobre o tráfico de drogas e o crime organizado, mas a realidade guineense é outra. Encontrei essa falsa imagem de narcoestado, uma dramatização injusta com o país todo. De qualquer maneira, o problema existia, mas neste ano ele praticamente desapareceu. Infelizmente, para a população ficou a má fama. Hoje a situação política está muito mais distendida, ainda há atrito nas Forças Armadas, resultante de desconfianças e rivalidades entre eles, e o grande problema que se configura é a pesca ilegal. Por conta disso o país perde acima de 100 milhões de dólares por ano.

De que maneira estão sendo pensadas as eleições para o fim deste ano? As autoridades e os

organismos internacionais estão cooperando para a realização e o êxito do processo?

O pleito estava previsto para novembro, mas acredito que não será possível. Provavelmente será realizado no primeiro trimestre de 2014 se rapidamente encontrarmos financiamento. Até agora, existem apenas promessas da UE e de alguns países, mas tenho esperança de que vamos conseguir os recursos necessários. Em termos gerais, é a falta de investimentos que está provocando esse adiamento. O recenseamento manual será melhorado com a inclusão de fotografia, o que não aconteceu no passado. Em 2012, a eleição contava apenas com o nome. Qualquer pessoa podia burlar esse sistema.

“Há uma falsa imagem de narcoestado injusta com o país”

Em relação ao desenho político-partidário, como o senhor imagina que se constituirá o futuro governo democrático guineense?

É a própria sociedade civil que está exigindo as eleições. Os guineenses querem uma democracia e um Estado de Direito, e a comunidade internacional apoia essa determinação. Eu espero, e tem sido o meu conselho, que após o pleito os partidos políticos celebrem um acordo e trabalhem juntos, a fim de que não haja

ninguém que se sinta excluído e garantindo a continuidade e a estabilidade política. Isso é fácil de ser dito, mas difícil de ser realizado. Para manter e sustentar um governo de grande inclusão são necessários líderes com sentido de Estado, construtores de pontes de diálogo, e isso não é vislumbrado no atual xadrez político de Bissau. Porém, se eles não optarem por uma chefia de grande abrangência partidária na qual todos sejam vencedores, a nação não sairá da crise. Deve haver uma conciliação e, sobretudo, um entendimento entre eles, que é indispensável para o bem do país. Não há um partido que possa governar a Guiné-Bissau com exclusividade.

Mas o recente histórico de golpes de estado e de instabilidade política não constitui um obstáculo para o desenvolvimento de um programa de direitos humanos?

A situação dos direitos humanos em Bissau não é grave. Desde que cheguei, não ouvi falar em um único preso político nem em tortura. Não houve fuzilamentos na sequência do golpe, mas também não há verdadeira liberdade de expressão. Acho que se pode dizer que não houve assassinatos porque o povo tem medo e não protesta, porque se assim o fizesse poderia haver mortes. A verdade é que as autoridades militares e civis são sensíveis às pressões internacionais: quando chamamos a atenção para a necessidade de resolver determinadas situações de ilegalidade de detidos eles ouvem, mas isso não é suficiente. Em pleno século XXI, um país membro das Nações Unidas não pode ter o nome manchado por violações frequentes de direitos humanos. Por outro lado, o exército é temido e detestado. Te-

nho promovido o diálogo com os militares, aconselhando-os a tomar medidas para ganhar a confiança do povo. Espero conseguir alguns resultados nos próximos meses.

De que forma o senhor avalia a atuação da ONU na arbitragem dos conflitos recentes?

A ONU faz o que pode, e o tenta fazer com os poucos recursos que tem. Infelizmente, ao longo dos últimos vinte anos, os grandes países têm fragilizado a organização, reduzindo a cada ano o seu orçamento. Além disso, a crise atual tem nos obrigado a uma adaptação aos desafios econômicos e a novas realidades financeiras do século XXI a partir de cortes de pessoal, por exemplo. O fato é que a ONU não pode substituir a vontade dos estados membros, pode apenas ajudar, diretamente ou indiretamente, as partes que estejam com vontade de resolver um conflito. Isso não é óbvio no caso da Síria e não é culpa da ONU. A culpa é do regime sírio e de seus opositores que não souberam, há dois anos, dialogar. Além do mais, demagogos, extremistas e radicais do mundo muçulmano invadiram o país e isso torna hoje a situação com vezes mais difícil.

Em que sentido a experiência como presidente no Timor-Leste de 2007 a 2012 contribuiu para seu trabalho de pacificação e reestruturação política na Guiné-Bissau?

Ela é útil assim como outras experiências que tive. Às vezes, é preciso intuição da pessoa. Se eu conseguir criar em Bissau um clima de maior diálogo e liberdade, já será uma grande contribuição que poderei dar, porque todo o resto depende disso. Não podemos fazer eleições em um ambiente de tensão política, de medo e de violência. Eu só posso tentar influenciar o comportamento em uma determinada direção, o país é deles. Se eles são demasiado teimosos e não ouvem, entrego o resto a Deus.

Quais seriam os pontos a serem corrigidos no funcionamento e na estrutura do modelo internacional tradicional de ajuda humanitária?

A ajuda humanitária deve ser planejada antecipadamente. A prevenção tem sido feita pela comunidade internacional através de meios posicionados em lugares apropriados para acudir quando de um desastre natural ou em casos de conflitos internos e guerras civis. A comunidade internacional tem sido generosa nesse sentido, principalmente os norte-americanos e a UE. É claro que isso não é suficiente, mas já é uma grande ajuda. Às vezes, é humanamente impossível acudir a todos com qualidade e a tempo. Não vejo soluções melhores do que as que têm sido ensaiadas por instituições com experiência, como é o caso do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Contudo, às vezes, o mundo fica cansado. Cada dia e cada semana há novas crises e novos apelos para ajuda. Com isso, há também o chamado cansaço dos doadores.

Bárbara Gallo, estudante do 7.º semestre de Jornalismo da Fabico

Itamaraty: crise na política externa ou disputa interna?

Paulo Fagundes Visentini*

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty) é, sem sombra de dúvida, um dos serviços diplomáticos mais competentes e profissionalizados do mundo, inclusive melhor do que o de muitas potências tradicionais. Ele atravessou governos e regimes muito diferentes, conseguindo se manter próximo de uma política de Estado (e não apenas de governo) e da defesa do “interesse nacional” que, no caso, pode ser visto como apoio ao desenvolvimento, à autonomia e à projeção mundial do país.

De 2003 a 2010, o presidente Lula e o Chanceler Celso Amorim elevaram a diplomacia brasileira ao seu mais alto patamar da história. Curiosamente, a imprensa internacional ressaltava os avanços logrados pelo país, enquanto a mídia nacional atacava e denegria as realizações do Itamaraty e do presidente. A razão de tal fenômeno é complexa. Evidentemente o Brasil contrariava os interesses estabelecidos, e eles revidavam também por meio de aliados políticos brasileiros. Mas por que parte da tradicional elite europeizada lutaria por um “Brasil menor”?

Houve mudança ou continuidade na política externa de Lula e Dilma? Enfatiza-se, em público, uma continuidade de propósitos e estratégias, mas uma mudança de estilo e ritmo, com ênfase em características pessoais. É certo que Dilma é mais técnica, discreta e sensível ao tema direitos humanos (pelo que sofreu na ditadura). E teve de dar especial atenção à crise econômica iniciada em 2008 e aos gigantescos esforços para renovar a defasada e sucateada infraestrutura brasileira antes da Copa Mundial de Futebol de 2014, apoiando-se numa máquina estatal repleta de bloqueios e disfunções instituídas pela

Constituição de 1988 e regulamentadas pelos governos da década de 1990.

É sabido que ela “não gosta de viajar” e, de certa forma, acreditou que a diplomacia herdada estava muito bem, tendo até avançado mais que as outras áreas do governo. Portanto, não necessitaria tanto a sua atenção, tendo o Chanceler Patriota gozado de muita autonomia e permitido liberdade de ação aos seus subordinados. Os diplomatas fazem parte de uma estrutura hierárquica rígida, como a dos militares, mas as pessoas que integram tal burocracia possuem opiniões pessoais que vão de um extremo ao outro do espectro político. E é importante o fator geracional: os diplomatas desenvolvimentistas de Geisel representavam aqueles nacionalistas que haviam ingressado na carreira no início dos anos 1960. Os de Lula tinham forte vínculo com os da época de Geisel. Mas os que ingressaram durante a fase neoliberal-globalista tinham outras ideias, para não falar dos conservadores elitistas de sempre, que consideram o Brasil uma nação “Occidental” (leia-se branca, cristã, liberal quando possível).

Paralelamente, há mais de 20 anos, os setores de defesa externa, de segurança interna e de inteligência (que possuem importante interface com a diplomacia) têm sido negligenciados, inclusive pelo governo atual, influenciado por uma visão pós-moderna e (des)orientado por agendas emanadas de certos círculos das grandes potências. Assim, o governo de Dilma Rousseff demonstra relativa descontinuidade em relação ao de Lula. Sua diplomacia evidencia sinais de retrocesso, num governo descuidadamente permeável e vulnerável à ação política instrumental de ONGs e fundações públicas e privadas estrangeiras.

O governo tem procurado estimular o consumo das classes C e D, sem prejudicar as

A e B; para tanto, cria uma cultura de consumismo, com direitos ampliados, sem deveres correspondentes nem motivações ideológicas construtivas e coletivas, apenas o culto ao individualismo. Mas a tradicional elite brasileira se ressentia da crescente concorrência das classes ascendentes em relação a uma infraestrutura defasada e ao deficiente setor de serviços. E ela faz oposição ao governo, aproveitando qualquer oportunidade – nesse caso, a diplomacia, que não recebia a devida atenção. Nesse sentido, problemas como o da espionagem eletrônica dos Estados Unidos e o dos asilos são lapidares. Um país que concedeu asilo político, desde ditadores paraguaios até o militante italiano de extrema-esquerda Battisti, demonstrou receio em conceder refúgio a Edward Snowden.

A elite brasileira faz oposição ao governo, aproveitando qualquer oportunidade

O episódio envolvendo a retirada do senador boliviano Roger Pinto da embaixada brasileira em La Paz implicou a demissão do chanceler Patriota e a nomeação do embaixador Luiz Alberto Figueiredo, simples forma de dar uma satisfação a Evo Morales (importante ressaltar que é um episódio totalmente diferente do caso do deposto presidente Zelaya, de Honduras). Trata-se, assim, de uma disputa política interna, com finalidade de criar dificuldades para o governo Dilma,

perturbando a integração sul-americana e exibindo sua fraqueza frente aos EUA. Basta ver a rede de apoio que se formou rapidamente para defender o diplomata infrator e o senador vitimizado.

No mesmo sentido, o Brasil vacila quanto a critérios internacionais seletivos em campos que enfraquecem o desenvolvimento econômico na área energética e de infraestrutura. Membro do BRICS afastado geograficamente do núcleo eurasiático, o Brasil se debate com problemas de identidade. Uma nação histórica e culturalmente reconhecida pelo predomínio da mestiçagem sucumbe ao pseudomulticulturalismo que, em última instância, o define como “Occidental”, com algumas minorias, fragmentando a construção de uma identidade nacional. Sem tal elemento, não há projeto nacional e, em consequência, não pode haver avanço no desenvolvimento econômico-social sustentado. Assim, o que está em jogo, no plano externo, é o realinhamento da diplomacia brasileira para o Norte e o afastamento dos demais BRICS.

Não são previstas grandes mudanças na política externa (o chanceler demitido e o nomeado têm o mesmo perfil). Mas o Itamaraty deverá se tornar mais ativo e ser monitorado mais de perto pela presidente Dilma, pois é a vontade política da presidência que imprime a direção e a intensidade da ação diplomática. De qualquer maneira, os incidentes representam uma exposição inédita da instituição com inegáveis danos à sua imagem. Como o Itamaraty reagirá em caso de punição de alguns de seus membros? E como ficará a capacidade política do governo se não o fizer?

* Professor titular de Relações Internacionais e coordenador do PPG Estudos Estratégicos Internacionais da FCE/UFRGS

FRANK VAN LEERSUW/FICKR



O Itamaraty deverá se tornar mais ativo e ser monitorado mais de perto pela presidente Dilma



Contra a banalização do crédito

Superendividamento Pesquisas desenvolvidas no Centro Interdisciplinar sobre Direito, Cidadania e Educação do Consumidor da UFRGS repercutem no Código do Consumidor

Jacira Cabral da Silveira

Mais uma vez, a representante de um dos credores pede licença e se retira. Do lado de fora da sala de audiência, telefona para sua empresa de crédito e consulta se há como reduzir o valor das parcelas da dívida atrasada. Enquanto isso, os demais credores e a consumidora superendividada aguardam em silêncio no interior da sala. A conciliadora que preside os trabalhos e sua auxiliar, uma estagiária de Direito encarregada de redigir a ata eletrônica, já estão acostumadas com a cena. Essa era só a primeira das audiências agendadas para aquele dia e que se repetem todas as quartas e quintas-feiras no Centro de Solução de Conflitos e Cidadania, no prédio do IPE, vinculado ao Poder Judiciário.

Passados 20 minutos, o clima começa a ficar constrangedor e os olhares se cruzam, impacientes. A estagiária toma a iniciativa, levanta-se e sai. Logo retorna com a representante, e é proposta à devedora uma nova forma de pagamento das parcelas da dívida em questão. Enquanto as cópias da ata passam de mão em mão para a coleta das assinaturas, selando o acordo entre as partes, a mediadora adverte que não pode haver atraso nos pagamentos, sob pena de ser suspenso o acordado.

Conceito novo – A oferta generalizada de *Crédito para negativado*, alardeada em anúncios na mídia ou por meio do assédio de vendedores nas ruas das grandes cidades do país, fez com que o consumidor incauto assumisse outro status: o de superendividado. Até 2006, esse termo não estava previsto na jurisprudência brasileira, e casos como o descrito na abertura da matéria eram tratados de forma isolada, dívida por dívida, exigindo redobrado empenho do consumidor na tentativa de voltar a ter crédito e limpar seu nome no comércio. Não raras vezes, ele ignorava a dimensão exata de seu endividamento.

“A renegociação de dívidas em âmbito extrajudicial ocorria [e continua ocorrendo] somente na Defensoria Pública e no Procon”, explica a professora Cláudia Lima



Ana Maria recorreu a uma audiência de conciliação no Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania para renegociar suas dívidas

Marques, coordenadora do Centro Interdisciplinar sobre Direito, Cidadania e Educação do Consumidor (Cidecon-UFRGS), onde começaram, em 2004, os estudos sobre superendividamento no Brasil. Essas pesquisas resultaram na consolidação do termo, sendo preocupação especial do Projeto de Lei n.º 283 em tramitação no Senado: “Esta nova seção do Código de Defesa do Consumidor (CDC) tem a finalidade de prevenir o superendividamento da pessoa física, promover o acesso ao crédito responsável e a educação financeira do consumidor, de forma a evitar a sua exclusão social e o comprometimento de seu mínimo existencial”, justifica a proposta. Desde 2010, Cláudia integra a Comissão de Juristas do Senado Federal responsável pela Atualização do CDC, sendo a redatora dos artigos que abordam o assunto.

Questão social – Esse processo de consolidação do conceito do consumidor superendividado tem-se constituído por meio de diferentes

práticas, tornando o Cidecon referência nacional no tema. Dois importantes desdobramentos foram o Projeto-piloto de Tratamento das Situações de Superendividamento do Consumidor (PPTSSC) e a criação do Observatório do Crédito e Superendividamento do Consumidor, com sede na Faculdade de Direito da UFRGS. O primeiro resultado das pesquisas de doutorado das juízas Káren Rick Danilevicz e Clarissa Costa de Lima, que tiveram como foco a reinserção social do consumidor superendividado por meio da conciliação processual, obtida em audiências de renegociação com a totalidade de seus credores.

“O importante desse encontro e dessa simultaneidade”, ressalta Káren, “é que todos os agentes que fornecem crédito podem fazer suas propostas, e nesse ato o consumidor consegue inserir o pagamento das dívidas em seu orçamento”, explica. Na interpretação da juíza, “pode parecer curioso, mas é comum nessas audiências que um credor, ao ouvir a outra parte, acabe por fazer concessões.

Já aconteceu de pequenos credores receberem antes o seu pagamento e os grandes esperarem um pouco mais para que essa pessoa possa reorganizar o seu orçamento”.

Na visão das pesquisadoras, historicamente, a concepção negativa do endividamento está ligada à concepção negativa do próprio crédito, fonte do endividamento. “É imperioso que essa banalização do crédito, responsável pela propagação do endividamento na sociedade, gere também uma política de aceitação do fenômeno como uma questão social, merecedora de uma abordagem mais humanitária.”

Observatório – Criado em 2008, o Observatório do Crédito e Superendividamento do Consumidor, entre outras atividades, opera como um banco de dados no qual são computadas as informações pessoais e as dívidas dos consumidores que procuram o serviço de conciliação num dos projetos-piloto que foram implantados em todo o país, seguindo o modelo do PPTSSC. Conforme dados registrados até

2011, mais de 70% dos consumidores que se beneficiam do projeto estão com seu nome negativado em instituições como Serasa e SPC.

Bibiana Gava Toscano de Oliveira, aluna do terceiro semestre do curso de Direito da UFRGS, é uma das bolsistas voluntárias que contribui com a passagem dos dados dos questionários preenchidos pelos consumidores que procuram o serviço de conciliação processual, oferecido desde 2007 pelo Poder Judiciário do Rio Grande do Sul em parceria com o Procon/RS e com a Defensoria Pública do Estado.

Segundo ela, a média semanal é de 100 questionários transformados em informações repassadas ao banco de dados, armazenado na Escola Superior de Magistratura. De acordo com algumas informações disponíveis no Observatório, 90,7% das famílias endividadas recebem até cinco salários mínimos, e destas, o maior percentual, 38%, encontra-se entre aquelas famílias que recebem de um a dois salários mínimos.

Um caso comum

Até o esposo falecer, em dezembro do ano passado, Ana Maria [o sobrenome foi preservado] não tinha noção do que era ter seu nome com restrições de crédito. Sem dinheiro para custear o enterro do marido, ela acabou fazendo três empréstimos com a Crefisa: um vinculado à sua aposentadoria, outro à pensão do marido e um terceiro à pensão do caçula, que durante a audiência de conciliação da mãe permaneceu na sala de espera no Centro Judiciário de Solução de Conflitos e Cidadania, no prédio do IPE, em Porto Alegre.

De acordo com a professora Cláudia Lima Marques, coordenadora do Centro

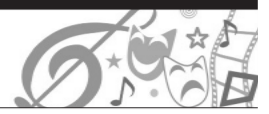
Interdisciplinar sobre Direito, Cidadania e Educação do Consumidor (Cidecon/UFRGS), o caso de Ana Maria é comum. Com base nos dados do Observatório do Crédito e Superendividamento do Consumidor, a incidência maior refere-se à redução de salário (24% dos casos). Outros fatores que contribuem para o fenômeno são: desemprego (23%), doença pessoal ou de familiar (18%) e casos de separação do casal (4,7%). Com idade próxima aos 50 anos, Ana Maria enquadrou-se no perfil de consumidor superendividado: pessoa física, de boa-fé, impossibilitada de quitar suas dívidas

vencidas ou a vencer, mas desejosa de saldá-las de alguma forma, abrangendo todos os seus credores.

“O juro de vocês é muito alto”, reclama, mas acaba aceitando a proposta de negociação da credora. Quanto à outra dívida, não houve o que fazer na audiência, pois a questão se refere a um trato que ela fez com certa financiadora que se ofereceu para “limpar” o seu nome, mas acabou só aumentando o problema. Esse caso já está tramitando na Defensoria Pública. Depois de assinar a ata e ser alertada sobre a importância de pagar em dia as prestações

do novo acordo, Ana Maria sai com a mesma fisionomia de preocupação de quando entrou. Ela segue imaginando como vai se livrar do outro credor.

“No Brasil não existe ainda legislação que controle esse tipo de concessão de crédito, não há uma prevenção contra o superendividamento, com sanções como as existentes em outros lugares no mundo, por isso acaba havendo esse tipo de abuso”, comenta Káren Rick Danilevicz, juíza da comarca de Canoas e uma das idealizadoras do Projeto-piloto de Tratamento das Situações de Superendividamento do Consumidor.



Desatar o nó da Matemática

Ensino

Obra de professor da Educação desmistifica a ideia do dom para aprender

Jacira Cabral da Silveira

Não é de hoje que Fernando Becker procura entender as concepções epistemológicas do professor e seus resultados na prática da sala de aula. Em suas pesquisas, ele identifica tanto uma visão empirista quanto uma apriorista de como se dá o conhecimento. Enquanto na primeira as capacidades são aprendidas, pois inexitem na *tábula rasa* inicial, na segunda, as capacidades estão presentes desde antes da ação do sujeito, antes da experiência. “Estão os docentes muito longe da compreensão de que o conhecimento como estrutura ou capacidade, não apenas como conteúdo, nasce da interiorização das ações, e não da abstração das qualidades dos objetos; ele é resultado das sínteses dos aspectos mais gerais das ações humanas”, aponta.

Nos últimos dez anos, entretanto, o doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano e professor na Faculdade de Educação da UFRGS vinha cismando em torno de um questionamento que nasceu das respostas de dois professores de Matemática a suas perguntas de pesquisa: ao analisá-las, o ensino nessa área ia se destacando ao ponto de gerar a convicção de que o nó de todo o ensino manifestava-se aí de



FLÁVIO DUTRA/ARQUIVO JU - MAI/2013

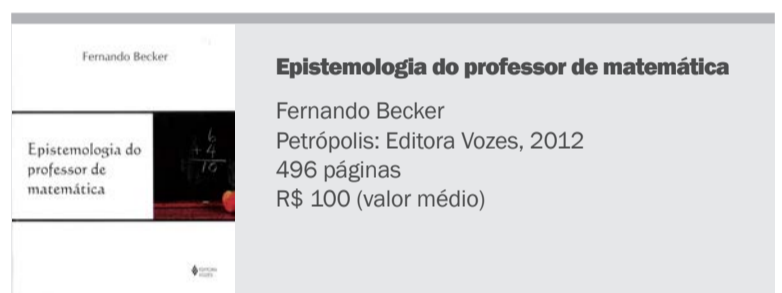
Para Fernando Becker, o chamado talento para aprender matemática traz como premissa subjacente a mística dos escolhidos

forma privilegiada. E se esse nó fosse revelado – pensava ele – “desvendar-se-ia o nó de todo o ensino”.

O resultado de tal desafio foi a publicação, no final de 2012, de sua obra *Epistemologia do professor de Matemática*, pela Editora Vozes. Um dos pontos que desencadeou a nova pesquisa foi o fato de esses professores denotarem uma abordagem quase mística quando falavam da origem de sua área de estudo: “Era como se dissessem: ela [a origem] está num lugar nebuloso, meio divino, onde as verdades são eternas. As verdades matemáticas sempre existiram”. Pensamento absurdo do ponto de vista da epistemologia genética “porque não existe conhe-

cimento que preceda o homem, não existe consciência que preceda a ação humana. A consciência é produto da ação humana”, explica.

Conforme Fernando, outro equívoco pernicioso para a aprendizagem, e presente nas respostas de alguns entrevistados, é a questão do talento, do dom. Dentro dessa perspectiva, algumas pessoas já nasceriam aquinhoadas com o dom para aprender Matemática, por exemplo, enquanto outras não. Para ele, tomando por base essa visão, não adianta nem tentar aprender que não vai dar certo, é perda de tempo. Segundo o especialista, está sempre subjacente a esse discurso a mística dos ‘escolhidos’, sendo que



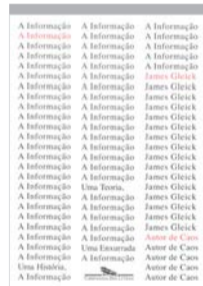
Epistemologia do professor de matemática

Fernando Becker
Petrópolis: Editora Vozes, 2012
496 páginas
R\$ 100 (valor médio)

o professor de Matemática é o mais escolhido de todos. “Daí ele vira uma autoridade-autoritária dentro da sala de aula, e o autoritarismo no ensino de Matemática é uma coisa perversa”, acentua.

O autor diz estar convicto de que a formação do professor de Matemática deve contemplar a

crítica epistemológica, sem a qual não haverá mudanças significativas em suas concepções pedagógicas ou em suas práticas didáticas. “Só assim poderemos pensar numa sala de aula que se transforme num ambiente de experimentação”, afirma, parafraseando um de seus entrevistados.



A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada

James Gleick | São Paulo: Companhia das Letras, 2013
526 páginas | R\$ 60 (valor médio)

Códigos e medidas

Será possível definir e medir, de fato, a informação? E como se poderia pensar sobre os fluxos e processos por meio dos quais ela é disseminada? Essas e muitas outras questões são discutidas por James Gleick em seu *A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada*. Engana-se, porém, quem pressupõe que o tema é abordado, na obra, de forma acadêmica e hermética – impressão reforçada pelas fórmulas, diagramas e equações que aparecem de quando em quando no texto. Com uma narrativa fluida, o autor parte de 1948, ano de invenção do transistor, como ponto emblemático para esses estudos. Não fica, porém, restrito às invenções mais recentes. Ao tratar da escrita e de seu desenvolvimento, por exemplo, Gleick vai esmiuçando o quanto o sistema estruturado ao redor de um alfabeto é uma tecnologia que teve impacto até mesmo sobre a forma de os grupos humanos pensarem e estruturarem suas culturas. Descrita pelo jornalista como “a mais reduzida e subversiva das formas de escrita” – são menos de 30 caracteres que vão sendo combinados

quase infinitamente –, a alfabética traduz uma forma de organização pautada pela abstração e que, por isso, permitiu o registro de ideias irrepresentáveis e assegurou a sua permanência no tempo e no espaço. Instalou, então, relações de poder que não estariam mais restritas ao conhecimento em si, mas à própria metodologia usada para o seu desenvolvimento. O livro, com isso, propicia, ainda que de forma indireta, reflexões sobre temas candentes, como a importância do domínio das técnicas de leitura e escrita como elementos de poder na sociedade contemporânea. Interessante e esclarecedora também é a descrição de sistemas de transmissão de informação do passado como forma de explicar a quantificação da informação. Num paralelo entre a comunicação por meio de instrumentos de percussão usada por algumas tribos da África subsaariana – os “tambores falantes” – e o código Morse, o autor mostra o quanto redundância e abundância de unidades informativas são definidoras da eficiência de um processo comunicacional. (Everton Cardoso)



Murphy

Samuel Beckett | São Paulo: Cosac Naify, 2013
256 páginas | R\$ 36 (valor médio)

Um Beckett inédito

Em seu primeiro romance, publicado originalmente em 1938 e inédito no Brasil, o escritor irlandês Samuel Beckett, conhecido sobretudo por suas peças, apresenta ao leitor um personagem protótipo daqueles que mais tarde apareceriam em sua obra mais madura. Murphy, protagonista que dá nome ao livro, leva a vida de um modo bastante idiossincrático. “O espírito de Murphy concebia-se como uma grande esfera oca, hermeticamente selada ao universo exterior”, explica o narrador onisciente.

Trata-se de um anti-herói com predileção pelo isolamento, por lugares obscuros e por prazeres incomuns, como o de se manter amarrado a uma cadeira de balanço. A narrativa acaba assemelhando-se às peculiaridades do personagem e, em função disso e do excesso descritivo, a leitura do romance torna-se um tanto truncada.

A estranheza do protagonista fica mais evidente no momento em que ele, saído de seu isolamento, arranja emprego em um sanatório, buscando atender ao pedido da namorada, Celia. Ela, uma prostituta, encontra na paixão por Murphy um meio de deixar

aquela vida. O que poderia ser considerado surpreendente é tido como plausível por se tratar deste esquisito personagem: ele encontra no novo trabalho um ambiente afável e vê os pacientes “não como os banidos de um sistema de benefícios, mas como os que escaparam de um colossal fiasco” presente no mundo lá fora. Ou seja, o ambiente lhe agrada justamente por proporcionar certa dose de enclausuramento.

O “colossal fiasco” é personificado em figuras que aparecem paralelamente na história. Envolvidos em um imbróglio amoroso, empreendem uma viagem à Londres à procura de Murphy, principal motivo da confusão. A busca por notícias do protagonista, então envolvido com o trabalho no hospício, se dá de maneira quase cômica e despojará parte do desfecho da narrativa.

O livro carrega diversos aspectos da literatura moderna, universo em que Beckett declaradamente se inspirou. Tanto os neologismos, citações e trocadilhos de James Joyce quanto as minúcias descritivas de Marcel Proust encontram-se presentes nessa obra inicial do autor. (Júlia Corrêa)



Em busca da sintonia ideal

Música *Novos grupos reinventam os gêneros que melhor refletem seu estado de espírito*

“Efervescente!”, assim o crítico Juarez Fonseca define o movimento musical em Porto Alegre na atualidade. Bandas novas estão sendo formadas todos os dias, enquanto se ampliam os espaços de shows. Com o aparecimento de artistas competentes, o público endossa o momento, lotando apresentações em teatros, bares e cafeterias. Juarez se empolga ao destacar o fato de serem muito novos esses artistas que surgem e chama a atenção para um aspecto curioso: a busca de referências em composições dos anos 1960 e 70, inovando e fomentando a consolidação de um verdadeiro espaço alternativo na cidade. “Os jovens estão se inspirando em um material que não seria, teoricamente, de sua geração. Essa gurizada de vinte e poucos anos deveria ter mais influência do pop e do rock dos anos 80”, observa. Quando questionados, os músicos respondem que é este o tipo de arte que lhes motiva. Para quem os ouve tocar, fica evidente a emoção e a sensibilidade provocados pelo contato inusitado com estes gêneros musicais outrora apagados.

O samba de raiz – O grupo *Samba e Amor* ilustra bem o que Juarez explica na teoria. Criada em 2009 quando Maria Luiza Fontoura (voz), Lucas de Azevedo (violão) e Augusto Britto (cavaco) ainda estavam no ensino médio, a formação foi completada com a chegada de Samy Cassali e Renan Aguiar, no baixo e na percussão respectivamente. Antes de conhecer aqueles que seriam seus futuros companheiros musicais, Augusto tocava cavaquinho em uma banda de pagode. “Foi então que descobri um estilo que, na minha opinião, era bem melhor do que aquilo que eu tocava”, recorda. Era o samba clássico, como eles bem chamam “de raiz”. Enquanto isso, Malu e Lucas estavam inseridos em uma cena musical mais pop. “Mas foi fácil passar a cantar as letras de artistas como Chico Buarque e Toquinho: como se tudo, de repente, fizesse sentido”, explica a jovem, hoje com 19 anos. Samy conta que entrou em contato com o estilo ainda pequeno, através dos vinhos do pai. “Quando esse tipo de música começa a refletir os teus sentimentos é muito difícil mudar ou voltar atrás”, diz o baixista. “É uma conexão muito forte”, completa.

Hoje, o grupo toca em estabelecimentos na Cidade Baixa, como o Matita Perê. O dono do bar, Felipe Stella, conta que houve uma fidelização na clientela que, invariavelmente animada, participa do show. O lugar, meio restaurante, meio bar, logo se torna um espaço totalmente voltado à música popular brasileira. O público interage, canta junto, dança. Crianças circulam enquanto os mais velhos se emocionam

quando Malu canta os versos que marcaram época. Durante a performance da canção *Chega de Saudade*, por exemplo, a senhora à minha esquerda enxuga uma lágrima. “Às vezes, os nossos amigos vêm nos ver”, relata Lucas, “e trazem seus avós”. O clima é de saudosismo e a banda evoca o espírito de um período histórico que não vivenciou.

Jazz – Na mesma época em que os integrantes do *Samba e Amor* se reuniam para ensaiar Vinicius de Moraes, João Bosco e Tom Jobim, três jovens fundavam a *Marmota Jazz*. Dois dos garotos, o pianista Leonardo Bittencourt e o baixista André Mendonça, integravam, nos tempos de colégio, a banda *Charutos Cubanos*. “Sempre estivemos em contato com a música, mas o estilo era outro, de *indie rock*”, relata Leonardo, citando um gênero alternativo surgido em meados dos anos 80 no Reino Unido. Enquanto isso, o guitarrista Pedro Moser direcionava suas atenções ao rock progressivo. “Aos 17 anos comecei a estudar jazz para entender mais sobre a instrumentalidade e sobre as sessões de improvisação”, explica. Pedro promovia *jam sessions* em sua casa e, por intermédio de amigos, apresentou o jazz moderno para os guris. Logo, o estilo era objeto de interesse do grupo, que viajou para Boston em 2011. Lá, além de aproveitar as aulas da *Berklee College of Music*, considerada a maior faculdade independente

de música do mundo, os garotos tocavam nas ruas da cidade, ganhando experiência, prática e eventuais trocados. Na volta, André resolveu seguir a vocação, trocando a Filosofia pelo recém-instituído curso de Música Popular da UFRGS. Leonardo, que antes cursava Música com ênfase em Composição, logo seguiu o amigo. Mais importante do que o estudo teórico, porém, seria a prática: “O curso é muito novo e falta infraestrutura”, aponta André, “as aulas são importantes, mas a verdadeira fluência musical é adquirida a partir de ensaios individuais e com a banda”. A integração fica evidente quando os três sobem ao palco: a partir de determinado olhar, um antecipa o movimento do outro. A melodia é ágil e veloz – o ritmo intenso revela que ali há muita influência do rock – e deixa o público maravilhado. Os comentários que circulam pela plateia são constantemente pautados pela surpresa de serem tão habilidosos os componentes daquele curioso e jovem trio de jazz moderno.

Quando perguntados sobre suas influências, eles se animam ao citar Kurt Rosenwinkel, Brad Mehldau e Miles Davis. Porém, logo ponderam: na falta de referências mais próximas, é difícil a constante comparação com seus grandes ídolos. “O que chega até nós são os grandes expoentes”, diz Pedro. O jornalista Juarez Fonseca lembra que outros gêneros, como o rock gaúcho, pos-

suem muito mais representantes em Porto Alegre, diferentemente do jazz – seja aquele dos anos 40 ou o *bebop*, dos anos 60 – e do samba clássico. “Talvez por isso, estes jovens não invistam em composições próprias ainda”, considera. Ele aponta que a prática é importantíssima nesse aspecto: “Quando eles começarem a produzir seu material próprio, já terão passado pela fixação de uma linguagem musical”. Para o crítico, as apresentações em público e a familiaridade com os instrumentos darão a base para que os jovens consigam resgatar elementos desses gêneros clássicos e os agreguem à contemporaneidade.

Releitura – Mas se engana quem pensa que, por estar apresentando um repertório composto por canções de artistas consagrados, o trabalho dessa nova geração é mera cópia.

Simone Rasslan é compositora, educadora musical e autora de *Xaxados e Perdidos*. O trabalho, que ganhou o Prêmio Açorianos de Música de 2013 de Disco do Ano, faz uma verdadeira releitura de clássicos populares brasileiros a partir de arranjos vocais e instrumentais. Para Simone, a reinterpretação de um gênero musical também é uma maneira de fazer composição. “Colocar os teus ingredientes na arte do outro é se apropriar daquilo. A performance não pode ficar abaixo do arranjo, eles caminham em conjunto.”

Ao discutir as origens do movimento, a globalização parece ser uma explicação lógica. Para Juarez, o momento é propício para que haja tal resgate. “A geração atual é riquíssima. E sabe aproveitar os estímulos da informação compartilhada e utilizar isso a seu favor.” Simone concorda, e considera o fenômeno um dos reflexos do advento da internet. “São os jovens falando superbem inglês e canais como o *Youtube* disponibilizando vídeos daquela época. Tudo isto contribui para a formação de outro período cultural”. Augusto reforça o argumento, acrescentando que aos 15 anos já fazia *download* de discografias completas de samba e MPB. Pedro conta que é possível acessar a transmissão em tempo real das apresentações do tradicional bar *Smalls Jazz Club*, em Nova York. “Conseguimos ver detalhes, a interação da banda, o baterista deixando cair a baqueta... É como se estivéssemos lá, na fábrica do jazz moderno”, relata com entusiasmo. “A verdade é que temos muito do que precisamos à nossa frente, é só procurar e ir atrás”, concorda Leonardo, ratificando aquilo que Simone bem define como uma atitude política: “Esses gêneros estavam ali meio apagados, meio esquecidos. A iniciativa de voltar a eles, de fazer esse resgate não deixa de ser uma ação de resistência”.

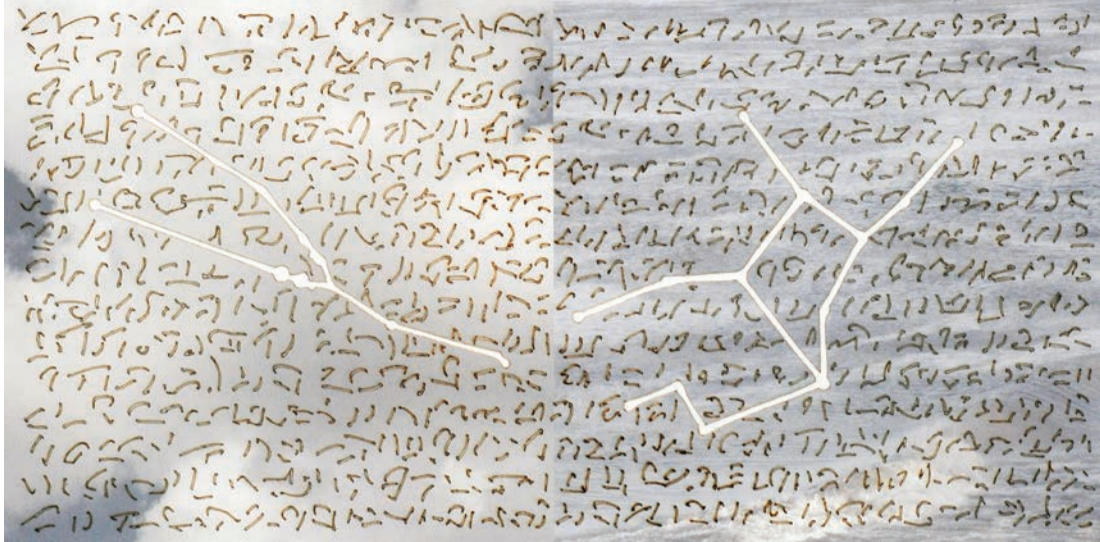
Rafaela Pechansky, estudante do 7.º semestre de jornalismo da Fabico



Alunos do curso de Música Popular da UFRGS integram o *Marmota Jazz*, uma das bandas do espaço alternativo musical da cidade

► **Redação** Ânia Chala | Fone: 3308-3368 | Sugestões para esta página podem ser enviadas para jornal@ufrgs.br

DESTAQUE



Na obra *Taurus x Virgo*, a professora Maria Lúcia Cattani se apropria da linguagem fotográfica

Alegoria reinterpretada

Exposição Artistas do Instituto de Artes apresentam dez visões sobre o mito da criação da Europa

A partir do dia 4 deste mês, a Sala Fahrion apresenta a mostra *O Rapto da Europa*, fruto de uma parceria entre a UFRGS e a Escola de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Segundo a curadora da exposição, Maristela Salvatori, desde 2010 houve um estreitamento de relações com a instituição portuguesa. “O convite para que nos engajássemos nessa iniciativa foi oficializado no final de 2012 pelo mentor do projeto, professor José Quaresma. A participação brasileira foi aguardada com muita expectativa, justamente por haver toda uma curiosidade quanto a um olhar externo à Europa”, explica a docente.

Seleção – A respeito do desafio de selecionar os 10 artistas que participam do projeto, Maristela explica que, conforme o estabelecido, poderiam participar, além do curador local, um segundo professor e oito estudantes. “Foram engajados alunos das mais variadas etapas dos cursos de graduação, mestrado e doutorado em Artes Visuais. Sendo nosso foco uma exposição de gravuras e/ou

instalações gráficas, foi imperativo o engajamento dos artistas numa ou outra possibilidade”, observa, acrescentando que o apoio do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da PROPG e da Relinter foram cruciais para o projeto.

Simbiose – Os artistas envolvidos apresentam poéticas, visões e abordagens singulares, com emprego de recursos técnicos e tratamento formal bastante diferenciados.

Um deles, Jander Rama, utiliza a linguagem dos manuais técnicos para criar um ser híbrido em *Europa simbiótica*, obra em linoleogravura. No trabalho, Europa e Zeus, corpos e mentes fundidos, são dotados de nadadeiras de golfinho e engenhocas de propulsão que os conduzem sobre as águas. Conforme o depoimento do artista para o catálogo da mostra: “a Europa vive, neste momento, as dores de partes de um corpo que não é seu. A interdependência dos blocos econômicos mundiais prefigura uma justaposição, com partes distintas de diversos corpos. Oscilações cambiais

na China ou fraudes no sistema financeiro estadunidense não são mais dores de corpos alheios. Um touro, um golfinho e uma mulher são de realidades distintas, mas no contexto da economia global fazem parte de uma mesma unidade, como no mito. A Europa é simbiótica”.

A mostra traz ainda obras da professora Maria Lucia Cattani e dos alunos e egressos do Instituto de Artes Kárin Meneghetti, Flavya Mutran, Nara Amelia, Denis Nicola, Rafael Pagatini, Alice Porto e Ana Cândida Sommer Fontoura.

Seminário – Paralelamente à exposição, será realizado um seminário com três especialistas para abordar o assunto através de óticas diversas, como as da arqueologia, das artes visuais, da dramaturgia, da filosofia, da história, da iconologia ou da literatura: Claudio Moreno, Francisco Marshall e Paulina Nólivos. O encontro ocorrerá no dia 8 de novembro, às 15h30, na Sala Fahrion da reitoria.

A visitação pode ser feita até o dia 22 deste mês, com entrada franca.

CINEMA

Mestres & Dragões – A Era de Ouro das Artes Marciais no Cinema

Mostra da Sala Redenção em parceria com a produtora cultural Cena UM. Curadoria de Cesar Almeida, tradutor e editor da Argonautas Editora. Sessões com entrada franca.

O GRANDE MESTRE BEBERRÃO
(*Da zui xia*, Hong Kong, 1966, 95 min), de King Hu
Sessões: 1.º/11, 16h; 6/11, 16h

O ESPADACHIM DE UM BRAÇO SÓ
(*Dubeidao*, Hong Kong, 1967, 111 min), de Chang Cheh
Após a sessão, debate com Cesar Almeida.
Sessões: 1.º/11, 19h; 4/11, 16h

A MORTE EM MINHAS MÃOS
(*Longhu dou*, Hong Kong, 1970, 90 min), de Jimmy Wang Yu
Sessões: 4/11, 19h; 5/11, 16h

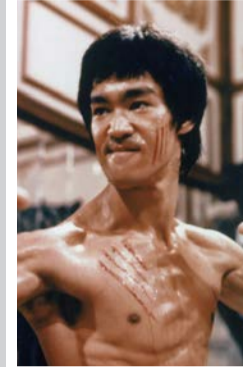
O DRAGÃO CHINÊS
(*Tang shan da xiong*, Hong Kong, 1971, 100 min), de Lo Wei
Sessões: 7/11, 16h; 18/11, 16h

O ASSASSINO DE SHANTUNG
(*Ma Yong Zhen*, Hong Kong, 1972, 124 min), de Chang Cheh e Pao Hsueh-lieh
Sessões: 7/11, 19h; 8/11, 16h



5 DEDOS DE VIOLÊNCIA
(*Tian xia di yi quan*, Hong Kong, 1972, 104 min), de Jeong Chang-hwa
Sessões: 8/11, 19h; 13/11, 16h

A FÚRIA DO DRAGÃO
(*Jing wu men*, Hong Kong, 1972, 108 min), de Lo Wei
Sessões: 18/11, 19h; 19/11, 16h



OPERAÇÃO DRAGÃO
(*Enter the Dragon*, EUA / Hong Kong, 1973, 102 min), de Robert Clouse
Sessões: 19/11, 19h; 20/11, 16h

O MESTRE DA GUILHOTINA VOADORA
(*Du bi quanwang da poxuedizi*, Taiwan/Hong Kong, 1976, 93 min), de Jimmy Wang Yu
Sessões: 21/11, 16h; 28/11, 16h

A CÂMARA 36 DE SHAOLIN
(*Shao Lin san shiliu fang*, Hong Kong, 1978, 115 min), de Lau Kar-leung
Sessões: 21/11, 19h; 22/11, 16h

OS CINCO VENENOS DE SHAOLIN
(*Wu du*, Hong Kong, 1978, 97 min), de Chang Cheh
Sessões: 22/11, 19h; 25/11, 16h

O MESTRE INVENCÍVEL
(*Jui Kuen*, Hong Kong, 1978, 111 min), de Yuen Woo-ping
Sessões: 25/11, 19h; 26/11, 16h

O JOVEM MESTRE DO KUNG FU
(*Shidichuma*, Hong Kong, 1980, 101 min), de Jackie Chan
Sessões: 26/11, 19h; 27/11, 16h

O TEMPLO DE SHAOLIN
(*ShaoLin Si*, China, 1982, 95 min), de Hsin-yan Chang
Sessões: 28/11, 19h; 29/11, 16h

O LUTADOR INVENCÍVEL
(*Wu lang ba gua gun*, Hong Kong, 1984, 98 min), de Lau Kar-leung
Sessão: 29/11, 19h

Cinema e Espiritualidade na América Latina

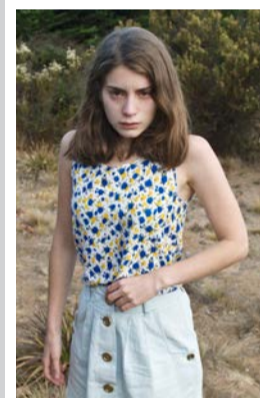
Ciclo que apresenta produções recentes sobre fenômenos religiosos ocorridos na América Latina. Sessões na Sala Redenção com entrada franca.

LA NIÑA SANTA
(*La niña santa*, Argentina, 2004, 106 min), de Lucrecia Martel
Sessão: 11/11, 16h

CAFUNDÓ
(*Cafundó*, Brasil, 2005, 102 min), de Clóvis Bueno e Paulo Betti
Sessão: 11/11, 19h

SANTITOS
(*Santitos*, México, 1999, 81 min), de Alejandro Springall
Sessão: 12/11, 16h

ANTONIO GIL
(*Antonio Gil*, Argentina, 2013, 95 min), de Lia Dansker
Após a exibição, debate com a diretora do filme.
Sessão: 12/11, 19h



JOVEN Y ALOCADA
(*Joven y alocada*, Chile, 2012, 96 min), de Marialy Rivas
Sessão: 14/11, 16h

SANTÍSSIMA MUERTE: NIÑA BLANCA, NIÑA BONITA
(*Santísima Muerte*, México, 2012, 85 min), de Pável Valenzuela Arámburo + **MALVERDE: EL MITO SANTIFICADO**
(*Malverde*, México, 2012, 39 min), de Pável Valenzuela Arámburo
Após as exibições, debate com o professor Fernando Seffner e a cineasta Liliana Sulzbach.
Sessão: 14/11, 19h

TEATRO

Teatro, Pesquisa e Extensão

Mostra de peças dos alunos do curso de Teatro.

V AO CUBO
A série de livros *O Guia dos Mochileiros da Galáxia*, de Douglas Adams, é uma das referências deste espetáculo originado na disciplina Estágio de Montagem II, sob orientação de Marta Isaacson. Direção: Natália Soldera. Elenco: Ander Belotto, Jéssica Lusía, Luiz Alves, Matheus Melchionna e Silvana Rodrigues. Sessões: 6, 13, 20, 27/11 Local e horário: Sala Alziro Azevedo, às 12h e às 19h30
Entrada franca

MÚSICA

Núcleo da Canção

Espaço para a troca de saberes sobre a MPB.



TRIZ, COM ANDRÉ MEHMARI, CHICO PINHEIRO E SÉRGIO SANTOS
Audição comentada do trabalho do trio de instrumentistas.

Data: 4/11
Local e horário: Sala Fahrion, 19h
Inscrições gratuitas pelo site www.difusaocultural.ufrgs.br

TRIZ
Show com o pianista André Mehmar e os violonistas Chico Pinheiro e Sérgio Santos, apresentando o repertório do CD que mistura ritmos como samba, valsa e jazz.
Data: 5/11
Local e horário: Salão de Atos, 20h
Ingressos: R\$ 10,00 (inteira) e R\$ 5,00 (meia) na bilheteria do teatro. Retirada de ingressos com entrada franca para a comunidade universitária no DDC-UFRGS.

NICO NICOLAIEWSKY
O músico comenta faixas de seu disco *Onde está o amor?* e também músicas de seu primeiro álbum *Nico Nicolaiewsky*.
Data: 11/11
Local e horário: Sala Fahrion, 19h
Inscrições pelo site www.difusaocultural.ufrgs.br

ESCUta – O SOM DO COMPOSITOR
Audição comentada do trabalho do coletivo de compositores de música popular da capital. Mediação do poeta Guto Leite.
Data: 18/11
Local e horário: Sala Fahrion, 19h
Inscrições pelo site www.difusaocultural.ufrgs.br

Lusamérica, Canções

O último show do projeto Unimúsica 2013 traz o cantor português tido como a grande voz masculina do fado.

ENCONTRO COM O ARTISTA
O cancionista, que tem cinco discos gravados e inúmeros prêmios no currículo, participa de encontro aberto ao público ao lado de Pedro Garcez, professor do Instituto de Letras da UFRGS.
Data: 6/11
Local e horário: Sala Fahrion, 20h
Inscrições pelo site www.difusaocultural.ufrgs.br, a partir de 29/10.

ANTÔNIO ZAMBUJO – QUINTO
O músico apresenta o repertório de seu último álbum. Ele divide o palco com Ricardo Cruz (contrabaixo), Bernardo Couto (guitarra portuguesa), José Miguel (clarinete) e João Moreira (trompete).
Data: 7/11
Local e horário: Salão de Atos, 20h
Retirada de senhas mediante a troca de 1kg de alimento não perecível por ingresso a partir de 4/11, das 9h às 18h, no mezanino do Salão de Atos da UFRGS ou pelo site www.difusaocultural.ufrgs.br

ONDE?

► **Auditorium Tasso Corrêa**
Senhor dos Passos, 248
Fone: 3308-4318

► **Pinacoteca Barão de Santo Ângelo**
Senhor dos Passos, 248
Fone: 3308-4318

► **Sala Alziro Azevedo**
Salgado Filho, 340
Fone: 3308-4318

► **Sala João Fahrion**
Paulo Gama, 110 – 2.º andar
Fone: 3308-3034

► **Sala Redenção**
Luiz Englert, s/n.º
Fone: 3308-3933

► **Salão de Atos**
Paulo Gama, 110
Fone: 3308-3058

Entendendo o mundo pelos livros

Luís Augusto Fischer

Patrono da 59.^a Feira do Livro conciliou a docência e a paixão pela leitura

Encontrar a linha quase imperceptível que separa a perfeita simbiose entre a literatura e Luís Augusto Fischer não é fácil. O próprio patrono da 59.^a Feira do Livro de Porto Alegre, que desde criança convivia com boas doses de leitura diária, confessa a dificuldade de delimitar fronteiras tangíveis entre a paixão pelos livros e a profissão escolhida. “Por sorte, consegui derubar o muro que existe entre trabalho e lazer. Sou muito feliz fazendo o que eu faço”, afirma o professor, que completa 34 anos de docência.

Autor de dezenas de publicações, entre as quais se destaca a temática da literatura sul-rio-grandense, o segundo dos quatro filhos de um casal de leitores cresceu rodeado de estímulos que desenvolveram o seu fascínio pelas letras. “A leitura era muito presente e fazia parte do jogo. Como o pai ensinava latim e português e tinha formação seminarista, sempre tivemos diversas obras espalhadas pela casa”, lembra.

Leitura por prazer – A infância transcorrida no bairro São Geraldo, antigo Quarto Distrito da capital, permitiu ao menino que praticava basquete na Sogipa e andava de bonde testemunhar as transformações pelas quais Porto Alegre passou desde a década de 70. “Imagina o tamanho da mudança que eu vi”, conta, ao recordar o surgimento do ainda inexistente viaduto da Conceição e, já adolescente, os passeios noturnos com os amigos pelo centro da cidade, que oprimia por suas ruas estreitas e seus edifícios altos.

Aos 12 anos, seduzido pela coleção da Editora Abril de adaptações de clássicos, como *Dom Quixote*, *Robinson Crusóe* e *O Corcunda de Notre-Dame*, a evolução como leitor e as preferências literárias resultaram na obtenção de um novo hábito. “Ia na banca comprar por prazer as edições assim que elas chegavam”, relata. Pouco tempo depois, o endurecimento da censura no regime militar o obrigou a recorrer à imprensa alternativa, cujos principais representantes na época eram jornais como *O Pasquim*, *Opinião* e *Jornal Movimento*. “Nesse período, eu trabalhava no grêmio estudantil e a leitura, para a minha geração, era um instrumento que te permitia entender o mundo”.

Mesmo com o gosto pelo universo literário já pavimentado, o professor acabou não descobrindo realmente a sua vocação no primeiro passo: ingressou na universidade no curso de Geologia, no qual es-

tudou por dois anos. Convencido de que não tinha sido talhado para seguir carreira nas ciências exatas, decidiu dar uma oportunidade ao apego que sentia pelas páginas e optou pela faculdade de Letras.

Embaixador do leitor – Apesar da grande satisfação por ter sido agraciado com o mais importante título da Feira do Livro, o principal personagem desta edição se diz pouco afeito à pompa que o evento requer. “Vou participar da abertura pela segunda vez, depois de ter comparecido há quase três décadas. Neste ano, não posso deixar de ir, ainda que eu não goste desse tipo de solenidade que reúne muita gente”, revela.

Sempre envolvido em debates, sessões de leitura, lançamentos de livros e outras atividades que costumam ter espaço na Praça da Alfândega nessa temporada, Fischer constrói aos poucos sua própria perspectiva para encarar a Feira depois da homenagem que lhe foi concedida. “Me dei conta de que o patrono é uma cara, um rosto individual nesse evento que agrega gente diferente. Pretendo me colocar como um embaixador do leitor. A minha condição sempre foi essa, e é o que vou continuar fazendo”.

Ao enumerar alguns defeitos no funcionamento do evento, ele reitera sugestões à Câmara do Livro para superar os pequenos, mas recorrentes, obstáculos que insistem em aparecer. “Ano a ano, todas as editoras disponibilizam os mesmos best-sellers, oferecendo poucas opções aos frequentadores. Por isso, o Eliandro Souza, um dos sócios da distribuidora Ama Livros, propôs um curso aos donos das barracas, atentando justamente para esse problema”, declara, lamentando também o término do outrora vigente desconto de 20% e o desaparecimento da lista dos livros mais vendidos, segundo ele, atrativos no passado da Feira.

Da mesma forma, o fato de muitos distribuidores possuírem estandes na praça, por serem associados à Câmara do Livro, exige maior preocupação e uma atenção especial na hora da comercialização das obras. “Eles não possuem loja durante o ano, mas sim um depósito, são intermediários, e não exatamente vendedores de livros para o público. Na Feira, atendem as pessoas diretamente, e esse contato demanda uma série de cuidados, já que o produto é muito específico”, ressalta, enfatizando a relevância que tornou o livreiro uma delicada profissão. “A conversa com os clientes ajuda a conhecer o gosto de cada um, e isso é essencial. No caso dessas duas semanas tradicionais do encontro, se observa uma enorme heterogeneidade porque ele é feito para todo mundo. Assim, cresce a necessidade de escutar e ajudar os indecisos e aproximar os iniciantes para que eles se interessem pela leitura”, sustenta o professor.

Por outro lado, essa interação entre os vértices dessa complexa cadeia vem sendo paulatinamente sufocada pela emergência de um fenôme-

no típico do século XXI: o advento de megastores. Hoje, frequentar imensas livrarias localizadas em shoppings se tornou uma espécie de ritual, em que o deleite de gozar horas intermináveis entre as estantes e se deixar encantar por um autor transformam tais lugares em atrativos para passeios, cafés e encontros casuais. “Na lógica dessas grandes lojas tudo é gigantesco, o espaço físico do qual elas se servem parece uma nave. Eu não me sinto muito bem como comprador de livros ali. É legal porque acaba atingindo todos os públicos, mas ao mesmo tempo é dispersivo. Eu diria que é mais bonito do que funcional”, alega Fischer, ao rememorar as andanças como universitário pelas antigas livrarias Globo, Sulina e Kosmos, no centro da cidade, arrematadas com eventuais quotas de cinema de rua.

Educação sentimental – Além da idolatria pela literatura, o professor, que desde cedo ensaia acordes no violão de forma amadora, nutre paralelamente um carinho especial pela música popular. “A minha geração foi educada sentimentalmente, tendo a canção como referência inescapável. Da bossa-nova

para cá, a educação sentimental do brasileiro é dada pela canção e pela telenovela, para o bem e para o mal”, brinca, e aproveita para mencionar o Núcleo de Estudos da Canção, idealizado dentro da UFRGS. Produzido por Lígia Petrucci do departamento de Difusão Cultural, o projeto se apresenta como ponto de encontro para aqueles que queiram debater a canção. No quinto ano de realização, as reuniões mensais se valem de convidados, audições comentadas de repertórios e exposições de pós-graduandos para interagir sobre um dos tantos aspectos que permeiam a temática.

Fischer, que há quinze anos também se dedica à disciplina de Canção Popular Brasileira, criada por ele e procurada por centenas de alunos dos mais variados cursos, destaca a interdisciplinaridade do projeto. “É uma virtude do Núcleo, ele não fica pendurado em um departamento; está acima deles. Isso porque a canção é composta por uma parte literária e outra musical que só funcionam juntas, e isso faz com que ela fique no meio dos cursos de Letras e de Música e não pertença a ninguém”, detalha.

Família – Maior do que a admiração pelas duas formas de arte é o deslumbramento de Fischer quando se refere aos filhos Benjamin e Dora.

Com o primogênito, o professor compartilha notas no violão e até jogos e escalções do Internacional na televisão. “Ele está renovando o meu gosto por um lado meio inesperado”, o futebol. Orgulha-se ainda, com a facilidade e o interesse do filho pela literatura. “Benjamin é um super-leitor e já se destaca entre os colegas nessa área. Às vezes, ele senta no meu colo e escrevemos juntos no computador uma história a quatro mãos”, revela. Embora não desfrute de muito tempo para o lazer, as idas à Redenção e ao Jardim Botânico com a família são frequentes.

Para o ano que vem, o professor planeja investir em um PhD no exterior, realizando o desejo da esposa Júlia de viver em outro país. “Nunca morei fora de Porto Alegre. Um pouco por gosto e um pouco por envolvimento, acabei ficando por aqui. Na realidade, sou meio aipim. Sabe como é, difícil de sair do lugar”.

Bárbara Gallo, estudante do 7.^o semestre de Jornalismo da Fabico



RAMON MOSER/JU



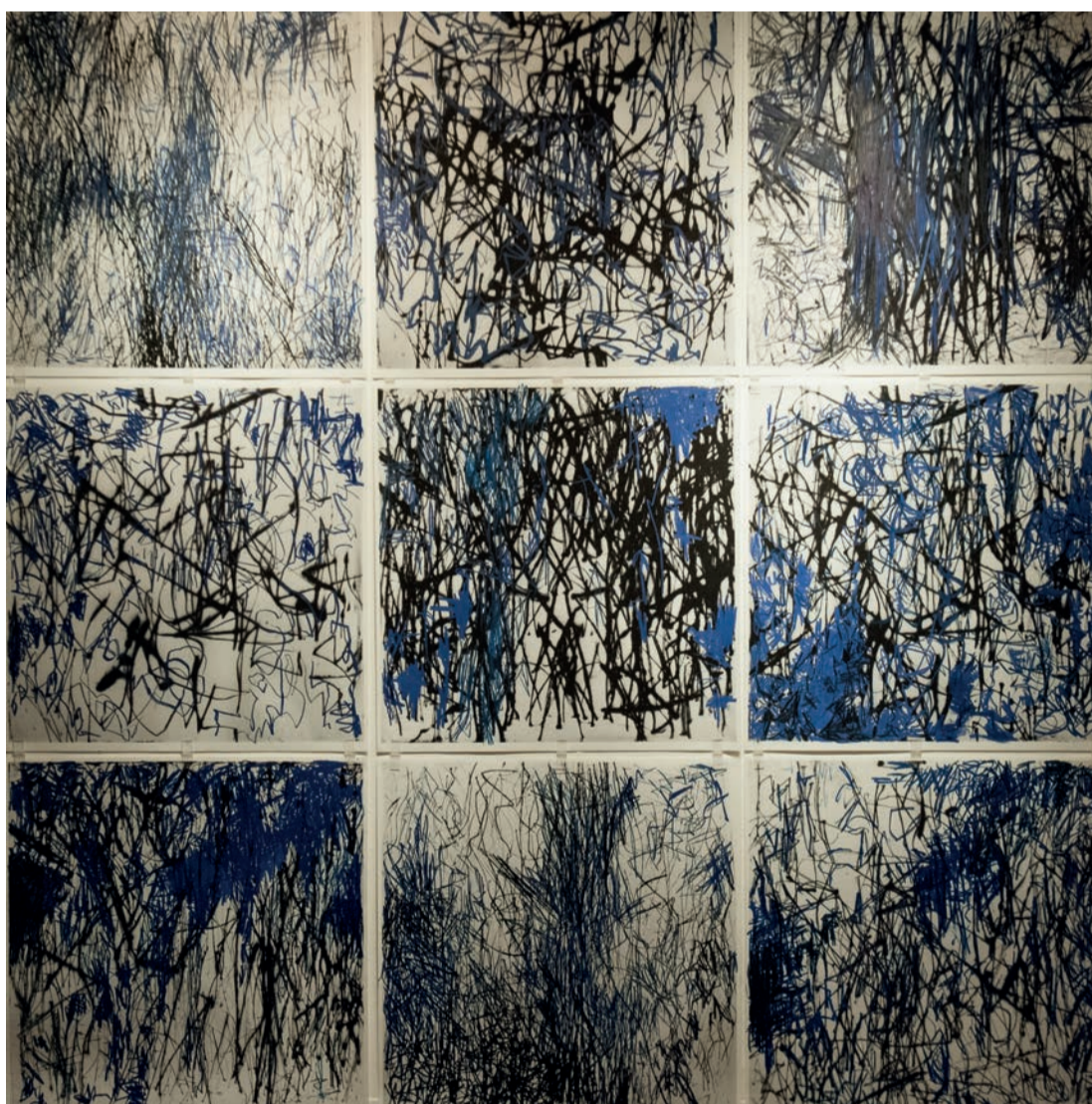
COLETIVO D43



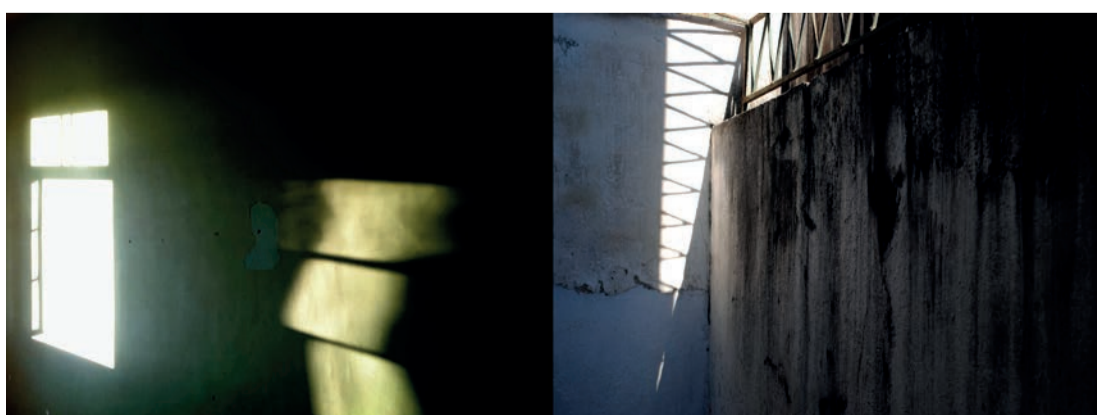
COLETIVO D43

Lugares do desenho

TERESA POESTER



ALEXANDRE COPÊS



Embora tenha feito parte do desenvolvimento ancestral da humanidade, a afirmação do desenho como linguagem artística autônoma é muito recente. Foi a partir do século XIX, com a subjetividade do romantismo, que os esboços, revelação da expressão autoral, passam a ser valorizados. Entretanto, mesmo no decorrer do século XX, a linha resiste ao abandono da representação, e poucos são os desenhistas abstratos em relação ao número de pintores.

Mais proximamente, pode-se dizer que os 2000 são os anos do desenho. Recentemente, quando a linguagem gráfica conquistou liberdade ímpar, passou a existir um interesse crescente na fusão de gesto e possibilidades tecnológicas.

Nas imagens desta página, o grupo D43 explora o desenho a partir de procedimentos gráficos e da junção com outras mídias, buscando suas possibilidades de experimentação como prática e pensamento. O grupo, coordenado pela profa. Teresa Poester, do Instituto de Artes da UFRGS, é composto por Alexandre Copês, Carlos Galon e Kelvin Koubik, e seus trabalhos foram apresentados com os de artistas convidados em uma exposição chamada *Lugares do desenho*, na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, em setembro passado.

“O desenho é um dos instrumentos mais caros para a anotação da ideia que irrompe de imediato, urgente, que se inflama do nada – aquela faísca que, se não for registrada logo, ainda que nervosamente, feito um garrancho, corre o risco de se apagar para sempre”

*Eduardo Veras,
jornalista e professor*

ATELIER D43 É O GRUPO DE TRABALHO DO PROJETO DE PESQUISA *DESENHO, GESTO E PENSAMENTO: PROCEDIMENTOS GRÁFICOS E OUTRAS MÍDIAS*, QUE ESTUDA OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO INDIVIDUAIS E COLETIVOS. MAIS INFORMAÇÕES PELO SITE WWW.ATERLIERD43.COM.



Universitários participantes das expedições do Projeto Rondon realizam atividades de educação para a saúde junto a crianças de municípios do interior do Norte e do Nordeste

Assistencialismo de emergência

Interiorização

Iniciativas como o Projeto Rondon e o Programa Mais Médicos são alternativas para suprir as carências de saúde e infraestrutura do Norte e do Nordeste do país

Regiões ainda socialmente excluídas em termos de direitos básicos, como saneamento e acesso à saúde, não mudaram muito desde o final dos anos 1960, quando foi lançado o Projeto Rondon. Apesar dos programas de distribuição de renda terem modificado o quadro da fome, crianças e adultos morrem todos os anos por conta de doenças tropicais nas comunidades ribeirinhas. Por outro lado, médicos, em geral, não têm interesse de trabalhar em ambientes de estrutura precária ou em locais mais distantes. Na metade deste ano, o governo federal lançou o Mais Médicos, programa que chamou a atenção da sociedade para as chagas no atendimento à saúde. Enquanto no Amazonas foram solicitadas 438 vagas, somente 73 inscrições de profissionais brasileiros foram homologadas com destino a 12 municípios. A maioria preferiu se estabelecer na capital, para onde trinta profissionais foram destinados.

Num quadro geral de falta relativa de médicos, somente no estado amazonense mais de 89 mil casos de malária foram registrados, com a ocorrência de pelo menos 19

óbitos em 2012. Já a leishmaniose, doença parasitária que tem na precariedade das condições de higiene a principal forma de propagação, atingiu mais de 2,2 mil pessoas, conforme dados da Vigilância em Saúde, órgão ligado à secretaria da saúde.

Não é por acaso que o Projeto Rondon, retomado em 2005, procura realizar preferencialmente expedições ao Norte e Nordeste do país. Sob o guarda-chuva das atribuições do Ministério da Defesa e com um espectro de atuação mais voltado à capacitação do que ao assistencialismo, as ações tentam amenizar as carências múltiplas das regiões mais vulneráveis do Brasil. Os responsáveis pelas viagens relatam que o foco do programa pouco tem do lema *Integrar para não entregar*, adotado na época dos generais no poder. Porém, nem todos concordam e relatam que a população precisa de atendimento médico e odontológico em diversos locais, em especial naqueles de difícil acesso, nos quais a chegada de estudantes ainda é a única oportunidade para extrair um dente.

Fragilidade na ação em

Enquanto a mortalidade infantil chega a 22 casos em cada mil nascidos e pode ser duas vezes maior entre a população indígena, segundo levantamento da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), os amazonenses têm uma expectativa de vida abreviada por conta de doenças infecciosas e tropicais. Em outros estados das regiões Norte e Nordeste, a situação é semelhante. Conforme dados da Vigilância em Saúde do Amazonas, foram registrados mais de 144 mil pessoas com diarreia aguda no primeiro semestre de 2012. Os números são ainda mais alarmantes se for considerado que 40% das ocorrências acometeram crianças de até cinco anos. Essa é uma das principais causas de óbito infantil nos países em desenvolvimento.

O clima é apenas o vetor que facilita a circulação das enfermidades. A dificuldade de acesso ao atendimento – comunidades ribeirinhas estão a horas de viagem de barco ou avião das cidades estruturadas –, as más condições de higiene e a falta de saneamento básico, além da concentração de médicos nas capitais, favorecem esse triste quadro.

O Sindicato dos Médicos do Estado do Amazonas diz que não faltam profissionais, mas estímulo para atender nos municípios do interior. Justificativa semelhante a das entidades representativas da classe em outras regiões, o problema é encarado como muito mais profundo. Segundo Marilene Maia, os profissionais de medicina evitam o atendimento nas cidades mais distantes por ficarem à mercê dos prefeitos e sem chance de realizar cursos de atualização. “Se houvesse uma boa estrutura nos postos, os médicos até poderiam ir, mesmo porque a vida é mais tranquila. Mas os contratados dependem de os gestores manterem o pagamento e ainda precisam fazer tudo em um posto que, minimamente, deveria ter um clínico geral, um pediatra e

um ginecologista”, sustenta a coordenadora de comunicação da entidade.

Marilene garante que o Programa Mais Médicos não é exatamente uma novidade, acrescentando que o Amazonas é um atracadouro para profissionais formados em países da América Latina. Entre os problemas, está o pouco conhecimento sobre as doenças que atingem as populações ribeirinhas e a falta de fluência do idioma. “Peruanos, bolivianos e colombianos vêm em grande quantidade e, geralmente, entram diretamente nos municípios interioranos. Eles ficam um tempo, e os que estão interessados em ir para a capital fazem o Revalida e se deslocam para Manaus. Agora, quando acontece algum problema com um paciente, vão embora e ninguém se responsabiliza”, lamenta.

Médicos evitam atuar nas cidades mais distantes por ficarem à mercê dos prefeitos

Cerca de 140 médicos inscritos na primeira etapa do programa federal começaram a trabalhar no estado que tem mais de 3,8 milhões de habitantes. Entre estes, pouco mais de 50

são cubanos. O programa visa não somente aos profissionais como aos municípios. O Mais Médicos privilegia as cidades de difícil acesso ou com dificuldade na contratação. O Ministério da Saúde ainda colocou entre os pré-requisitos para a inscrição dos municípios no programa ter 20% ou mais da população em situação de vulnerabilidade social ou estar situado em áreas de Distrito Sanitário Especial Indígena. No Amazonas, cinco unidades de saúde que atendem a uma população superior a cem mil índios receberam dez médicos.

Entrega à causa comunitária – Alguns profissionais acreditam que o exercício da medicina pode contribuir para mudar em parte a realidade de um local. Foi almejando essa transformação que o espanhol Abraham Alba, aos 27 anos, escolheu o Brasil quando soube do edital para a contratação de médicos brasileiros e estrangeiros para atuarem em regiões mais vulneráveis socialmente. Segundo o recém-formado, a bolsa de R\$10 mil não foi determinante para morar numa cidade de clima equatorial.

Abraham começou a trabalhar em uma unidade básica de saúde na periferia de Manaus, onde os mais diversos problemas acometem a comunidade. A escolha é um reflexo de experiências anteriores em estágios na Bolívia e no Nepal. “Minhas perspectivas são de atuar em um sistema de saúde pública de qualidade e ajudar as pessoas que não têm acesso ao atendimento. Há gente que nunca viu um médico e agora tem direito à saúde graças ao programa. O meu objetivo é cumprir e valorizar essa oportunidade. Além disso, quero aprender trabalhando no meio social”, destaca em um português arranhado.

O espanhol diz que elegeu a capital para garantir o amparo de hospitais próximos em casos de emergência, porém, não descarta

trabalhar em localidades mais distantes. “No futuro, quero atuar com os indígenas e conhecer a cultura desses povos tão perseguidos. Eles precisam de pessoas que defendam seus direitos básicos.” Por outro lado, mesmo reforçando a pretensão de ficar pelo menos três anos no Amazonas – tempo de contratação pelo Mais Médicos –, Abraham acredita que vai acumular experiência para atender em qualquer parte do planeta e já vislumbra outras comunidades desassistidas. “O modelo brasileiro de saúde pública poderia ser aplicado em outros países. Por isso o trabalho aqui será muito importante pessoal e profissionalmente. Um dia talvez eu vá para a África, onde a população também precisa de atenção”, afirma.

Rondon no contexto da saúde – Após um intervalo de 16 anos e com menor expressão em relação ao programa que se estabeleceu nas décadas de 70 e 80, o Projeto Rondon resurgiu com o objetivo de se afastar do assistencialismo. A proposta é levar o conhecimento a regiões socialmente excluídas. Segundo o Ministério da Defesa, que, com o apoio da União Nacional dos Estudantes, inaugurou a segunda etapa do programa, as expedições são executadas nos municípios de acordo com as necessidades de formação de pessoal nas escolas, nos postos de saúde, nas prefeituras ou nos centros de assistência social.

“As ações desenvolvidas durante as viagens aos municípios selecionados não são de concerto, mas sim de capacitação de pessoas que possam trabalhar no dia a dia depois que as equipes tiverem partido. A ideia é levar conhecimento a lugares aos quais o acesso é mais restrito ou as pessoas têm dificuldade de compreender e executar. Posso citar as políticas em educação como exemplo. Os gestores precisam de treinamento para solicitar recursos de programas federais para a merenda escolar

Uma realidade a transformar

Já faz sete anos que a farmacêutica Cristiane Keller participou da experiência que modificou a forma como ela percebe a vida. Integrante do único grupo da UFRGS contemplado pelo Ministério da Defesa para fazer parte do Projeto Rondon a partir de 2005, a equipe formada por alunos da Universidade seguiu para Tefé, no Amazonas. A hoje profissional diz que a vivência foi breve, mas tão marcante quanto uma tatuagem. Naquele ano, seis equipes diferentes foram para o município banhado pelo Rio Solimões e navegaram pelas comunidades ribeirinhas a fim de fazer um diagnóstico para que as demais expedições aplicassem projetos de capacitação.

O ambiente que encontraram foi muito pior do que os estudantes e professores poderiam imaginar. “Fizemos um amplo levantamento prévio sobre a situação de Tefé e arredores. Mas o que vimos era o caos, algo que beirava a sobrevivência entre aquelas pessoas”, recorda Cristiane. A cidade fica a mais de 500 quilômetros de Manaus e, na época, estava sem o prefeito, que era acusado de malversação das verbas públicas. Nas ruas principais, o

lixo que se acumulava em função da paralisação de serviços básicos era o reflexo do abandono. Mesmo que a situação no âmbito da prefeitura tenha se estabilizado posteriormente, as mazelas da população persistem: ainda faltam medicamentos e médicos nos postos, e o saneamento básico é praticamente inexistente.

A pobreza atinge mais de 60% da população de Tefé, conforme o Mapa da Pobreza e Desigualdade elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A desigualdade social é ampliada pela falta de investimentos e de transporte para a região. Localizada no Médio Solimões, a área é exemplo de isolamento geográfico, já que a logística se dá apenas pelas vias fluvial ou aérea. A farmacêutica lembra que se chocou com a maneira como as pessoas tentam curar surtos de malária ou diarreia. “Eles se viram com chás naturais. Acho que acreditam por não ter acesso a medicamentos. Visitamos comunidades ribeirinhas nas quais, para ir buscar assistência, é necessário fazer uma viagem de dias e, muitas vezes, ao chegar, não encontrar médico ou remédio no posto de saúde.”

Já as entrevistas realizadas com a população demonstraram fraudes no programa Bolsa-família. De acordo com a socióloga do Programa de Pós-graduação em Administração da UFRGS Rosinha Carrion, que coordenou a expedição, os agentes que faziam a mediação da entrega do auxílio conheciam a senha dos beneficiários. “Entregamos as denúncias, mas o Ministério da Defesa não fez nada a respeito. Não nos deu retorno, o que resultou em frustração porque fizemos uma análise da região que não foi utilizada. Talvez esse seja o motivo para não termos nos candidatado para outras edições”, critica.

Ela conta que, em relação às fraudes na concessão do Bolsa-família, entrou em contato com a coordenação do programa federal, que modificou o processo de concessão do benefício. “Distantes daquela realidade, até podíamos criticar a política de repasse de renda. Porém, ao chegar naqueles lugares é impossível dizer que as pessoas não precisavam do benefício”, assegura.

A educadora ressalta que faltam políticas públicas elementares nas áreas da saúde e da logística. Os ribeirinhos do Rio Solimões precisam trafegar em embarcações ilegais

durante as viagens porque o planejamento de medidas para deixar banheiros. chega às condições de papel relev

Apesar da vivência de morar lá. V é impressões escassas. E outro tempo assistências paliativas, comunidade professoras aqui, não e aspectos, a

e n saúde

FOTOS: ANTONIO FALETTA/AGERNO FESSAL



ou para o transporte das crianças”, destaca um dos coordenadores do programa junto ao Ministério da Defesa, o coronel José Paulo da Cunha Victório.

Enquanto o antigo projeto inspirado no pioneiro marechal Rondon primava por mobilizar estudantes de Medicina e Engenharia – seja para realizar atendimentos ou construir açudes –, o atual é bem mais modesto.

A segunda etapa do Projeto Rondon tem foco nas ações de capacitação

O programa administrado pelos militares estava ambientado em um contexto de desbravamento e de falta de acesso às regiões Norte e Nordeste do país. As comunicações eram realizadas somente via rádio. Nas décadas de 70 e 80, equipes se revezavam mensalmente nas sedes, muitas vezes fazendo incursões pelos rios em direção às comunidades embrenhadas na floresta. Atualmente, o foco está em selecionar grupos de universitários para executar propostas de trabalho e realizar um diagnóstico dos problemas da região. Porém, paulatinamente, os atendimentos médicos estão sendo retomados.

Descompasso – Com a experiência de prático em farmácias no interior de São Paulo numa época em que os farmacêuticos atuavam como médicos, realizando, inclusive, pequenas cirurgias, o rondonista mais antigo em atividade afirma que o atendimento em saúde continua a ter lacunas imensas na região amazônica. Participante desde que passou a lecionar no final dos anos 60, o professor Celso Volpe acompanhou a antiga versão do Projeto Rondon, que tinha por objetivo a integração do território nacional.

Expedicionário veterano, o educador discorda da afirmação de que o projeto tenha abandonado o caráter assistencialista. Atual coordenador das expedições que saem da Universidade Santa Cecília, de Santos, ele acredita que a assistência atinge alguns lugares somente com a chegada dos estudantes. “Uma aluna arrancou mais de 90 dentes na última viagem. Só uma menina de 13 anos teve seis extraídos. Por isso, essa política de formação de multiplicadores se restringe ao âmbito da teoria. As comunidades com as quais vamos trabalhar são muito pobres, não há líderes que possam multiplicar os conhecimentos. É utópico pensar que daquele ponto em diante tudo vai mudar”, conclui o professor.

Apesar disso, o rondonista não faz terra arrasada. Em mais de quarenta anos de expedições pela região amazônica e também pelo Nordeste, reconhece que houve avanço em alguns pontos. Mesmo que a assistência seja um aspecto basilar que precisa ser mantido, Celso acredita que muitas das oficinas de capacitação foram assimiladas e aplicadas nas comunidades. “Em uma visita a município do interior do Amazonas, levamos uma especialista em aleitamento materno. Os resultados foram muito positivos. Também conseguimos orientar prefeitos na montagem de computadores, por exemplo. Em diversos locais, o governo federal mandou os equipamentos, mas ninguém sabia montar os laboratórios”, recorda.

As fotos ao lado são registros do início da década de 1970, em Rondônia, onde na época havia um câmpus avançado da UFRGS, dentro do Projeto Rondon. Os participantes eram acadêmicos de diversas áreas, especialmente da saúde, e prestavam serviços às comunidades da região

madrugadas para levar a produção extrativista, poder público não concede as licenças de... Rosinha observa que não há preparo ao se tratar de saneamento. “As pessoas não têm orientação de utilizar os fundos das residências como... Quando ocorre uma enxurrada, a contaminação... Nesse sentido, o Projeto Rondon tem um... ante na formação básica”, sustenta. dos choques culturais, segundo a pesquisadora, é arrebatadora. “Dá vontade de largar tudo e ir... você percebe uma vida absolutamente simples,... onante ver como eles vivem com recursos tão... É algo que não existe no mundo contemporâneo;... o se vive lá. Já para as comunidades, a... é fundamental. Mesmo que sejam ações... é melhor do que simplesmente deixar as... les abandonadas.” Cristiane reforça a opinião da... “Por mais que tenhamos problemas com a saúde... existe comparação com o que vi por lá. Em todos os... a situação no Amazonas é muito pior”.

Experiências inesquecíveis

Participante das ações que tinham como base o antigo Câmpus Avançado da UFRGS em Porto Velho, Beto Bertagna (à esquerda na foto ao lado) transformou a viagem de extensão universitária em trabalho e vida nova. O ex-estudante de Educação Física encontrou um ambiente que ainda precisava ser construído, o que atraiu muitos “desbravadores”. Com uma das mais diversificadas populações do país, gaúchos, paranaenses, goianos e paulistanos se destacam na formação da jovem unidade da federação.

Durante a expedição do Projeto Rondon em 1977, o grupo de estudantes ao qual Beto se agregou seguiu para o município de Ji-Paraná, coincidentemente marcado pela construção da primeira estação telegráfica pelo marechal Rondon. Equipes iam ao local para manter um trabalho continuado. “As pessoas estavam acostumadas com a presença dos estudantes e contavam com as oficinas. Me dediquei ao vôlei para a criançada; era muito bacana”, conta. O trabalho com as comunidades foi decisivo para contatar os gestores do antigo território.

Em Porto Velho, ele constituiu família, e mais de trinta anos se passaram desde o primeiro encontro com um ambiente completamente diferente da realidade que vivia em Porto Alegre. “Acho que ajudamos a construir um pouquinho do estado. As lembranças são as melhores possíveis, e hoje vejo a capital como uma cidade cosmopolita, com migrantes de toda parte do país. Fui muito bem acolhido durante todos esses anos.” Atualmente em São Paulo para realizar um trabalho temporário, ainda está em dúvida sobre se volta para o local em que construiu sua história a partir de uma expedição.

Um esquerdista entre os militares – O cartunista Santiago tem doces e amargas lembranças de sua participação no Projeto Rondon quando era estudante de Arquitetura da UFRGS na década de 1970. Logo que desceu do avião da FAB em Porto Velho, soube do misterioso Santo Daime. “Um amigo disse que eu não poderia deixar de conhecer um chá muito louco e indicou quem procurar para encontrar o templo da União do Vegetal.” Na época, o chá de mariri, assim denominado em comunidades amazônicas, ainda era desconhecido no restante do país.

A ayahuasca consiste basicamente em uma infusão do cipó mariri e das folhas da chacrona. O objetivo é transcendência ou, nas palavras de Aldous Huxley, abrir as portas da percepção. A União do Vegetal utiliza o chá como componente místico que, segundo seus mestres, permite “conversar com as divindades”. Já Santiago lembra que a experiência foi alucinógena e resultou em uma terrível dor de cabeça no dia seguinte. “O mais perceptível foi uma ilusão visual, enxerguei o tracejado dos quadros de Van Gogh.”

Para além da descoberta da bebida ritualística, a experiência num interior inexplorado do Brasil foi reveladora para o cartunista. Rondônia ainda era um território e tudo necessitava ser feito. Santiago recorda a relevância do trabalho dos estudantes da área da saúde. “Era algo como o Mais Médicos.

As pessoas das comunidades não tinham atendimento, e era uma felicidade quando chegavam os estudantes para realizar consultas e aplicar medicamentos básicos”, sublinha.

Como estudante de Arquitetura, teve a chance de ajudar a elaborar e finalizar projetos para escolas e prédios públicos. Considerado um esquerdista em razão da crítica que costuma colocar sobre o papel, Santiago diz que não vê problema em ter participado de um programa comandado pelos militares durante a vigência da ditadura. Mas recorda que os colegas de extrema esquerda passavam longe do Projeto Rondon.

Vocação para o voluntariado – Gabriel Câmara pode ser considerado um jovem engajado. Estudante de Direito na Universidade Federal de Santa Maria, desde a adolescência acredita na ação voluntária. Aos 14 anos, participava do projeto Vida Urgente, na tentativa de conscientizar motoristas de que álcool e direção precisam de uma distância segura. Já o trabalho como pesquisador do IBGE permitiu-lhe experimentar as mais diversas formas de aprendizado ao conversar com a população. Na faculdade, integra o projeto de extensão Núcleo Experimental de Webcidadania, uma ferramenta por meio da qual a população relata os problemas da cidade e os alunos buscam contato com autoridades para tentar solucioná-los.

Quando soube que o Projeto Rondon tinha sido retomado, passou a “lutar” por uma vaga. Gabriel precisou esperar, já que um dos requisitos é ter completado o quinto semestre da graduação. “Quando entrei na universidade, uma turma havia retornado da primeira missão da história da UFSM. A partir disso, tive certeza de que participaria, uma certeza que até hoje não senti nem em relação a outros objetivos de vida, como ser advogado ou *concurseiro*. Sabia que seria rondonista”, relata. Esse momento finalmente chegou no sétimo semestre do curso. A UFSM foi uma das instituições de ensino superior contempladas a participar da operação Velho Monge, que vai atuar em vinte municípios do Piauí e Maranhão. O grupo dele vai para Palmeirais (PI).

Consciente das dificuldades pelas quais vai passar com alunos de outras universidades, como as relacionadas ao clima equatorial, Gabriel acredita que o valor da experiência será imensurável. “Veremos situações em que não vamos ter meios para interferir, mas acredito que é isso o que nos move. Mesmo que minimamente, mudar a vida de algumas pessoas ao incentivá-las a estudar e a cuidar da saúde será o nosso foco. Seremos incansáveis para retribuir em igual moeda todo o conhecimento de vida e coragem que eles nos darão.”

O futuro advogado ainda dá um puxão de orelhas em colegas que se distanciam da função primordial das ciências jurídicas. “Acho essencial participar de projetos como o Rondon, pois, infelizmente, o Direito ainda é um curso que se veste muito de aparências. Formalidade nas palavras e nas roupas, afasta-se da realidade social. O Rondon é uma ferramenta para fazer com que valorizemos mais o ser humano, para quem o nosso curso foi pensado”, conclui.



FOTOS: BETO BERTAGNA/ACERVO PESSOAL

Como participar

O Rondon promove duas expedições por semestre após um planejamento que inclui a escolha das regiões. A seleção realizada pelo Ministério da Defesa tem critérios semelhantes aos do Ministério da Saúde em relação ao programa Mais Médicos. A atuação acontece naqueles municípios que apresentam baixo índice de desenvolvimento humano (IDH) e problemas de logística. Os editais das viagens são lançados e divulgados entre as instituições de ensino superior.

Cabe aos professores o incentivo à participação dos alunos e a formulação de um projeto. Quando anunciadas as propostas contempladas, é realizada uma viagem prévia de ajustamento dos planos de trabalho. “O grupo que for a Imperatriz, no Maranhão, não terá dúvidas de que as atividades deverão estar focadas em saneamento e saúde. Ao chegar lá, os rondonistas perceberão um problema sério relacionado aos acidentes com moto”, instiga o coordenador, José Paulo Victório, “por que então não agregar uma oficina de conscientização para o uso de capacetes?”. As expedições acontecem sempre nos estados do Norte e Nordeste durante as férias escolares em um período de duas semanas. Os universitários ficam alojados em bases do Exército ou da Marinha e seguem em viagens diárias de carro ou embarcação.

Paralelamente à ação ligada ao governo, existe a Associação Nacional dos Rondonistas, fundada em 2004. A entidade registrou o nome Projeto Rondon, mas permitiu que o Ministério da Defesa também utilizasse a denominação. As ações ocorrem em diversos estados e têm por objetivo a integração entre o meio acadêmico e as comunidades de baixa renda. Também existem associações regionais, mas a do Rio Grande do Sul está desativada.



As fotos desta página são do acervo pessoal do ex-estudante de Educação Física Beto Bertagna, que participou das ações no Câmpus Avançado da UFRGS no Projeto Rondon em 1977 e acabou se fixando em Porto Velho